



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS

DEBORAH TELES DE MENESES GONÇALVES

**O USO DAS MÍDIAS AUDIOVISUAIS GRATUITAS COMO RECURSO
EMANCIPADOR PARA A OBTENÇÃO AUTÔNOMA DA PROFICIÊNCIA EM
LÍNGUA INGLESA**

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2021

DEBORAH TELES DE MENESES GONÇALVES

**O USO DAS MÍDIAS AUDIOVISUAIS GRATUITAS COMO RECURSO
EMANCIPADOR PARA A OBTENÇÃO AUTÔNOMA DA PROFICIÊNCIA EM
LÍNGUA INGLESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras Estrangeiras, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português-Inglês, pela Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia S. B. Fonseca

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2021

Dedico não só este trabalho, como esta e todas as outras conquistas que vieram e venham a me acontecer, a minha mãe – que se foi tão cedo e faz uma enorme falta – e a minha avó – que se foi no momento certo, o que, ainda assim, não torna a falta menor.

AGRADECIMENTOS

Antes e acima de tudo, agradeço ao grande criador, Olorum; ao pai coletivo, Oxalá; ao meu pai e a minha mãe de cabeça, Xangô e Oxum; e a todos os meus santos, guias e mentores espirituais por abrirem os meus caminhos e conduzirem os meus passos em direção a mais esta realização.

Agradeço também a minha família, aos meus amigos e aos professores inspiracionais que atravessaram a minha trajetória estudantil, por terem sido parte essencial da rede de suporte que tornou possível que eu não só chegasse à graduação, como também a concluísse.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| 1. PANORAMA DA TRADUÇÃO | 11 |
| 1.1. PANORAMA GERAL..... | 11 |
| 1.2. PANORAMA BRASILEIRO | 13 |
| 1.3. PRINCIPAIS TEORIAS..... | 17 |
| 1.3.1. Livre VS Literal..... | 18 |
| 1.3.2 Tradução intralingual, interlingual e intersemiótica | 19 |
| 2. PANORAMA DA TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E LEGENDAGEM AUDIOVISUAL | 19 |
| 2.1. TRADUÇÃO AUDIOVISUAL..... | 20 |
| 2.2. LEGENDAGEM AUDIOVISUAL..... | 22 |
| 3. O USO DA TRADUÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LE | 26 |
| 4. O USO DA LEGENDAGEM AUDIOVISUAL COMERCIAL E PIRATA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA | 29 |
| 4.1. TEORIA EM PRÁTICA..... | 32 |
| 4.2. PROPOSTA DE RESIGNIFICAÇÃO DO MÉTODO | 42 |
| 4.3. PROPOSTA DE EXPERIMENTO PARA TESTE DA MANUTENÇÃO DE EFICÁCIA DO MÉTODO RESIGNIFICADO..... | 45 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 46 |
| REFERÊNCIAS | 47 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1 - Grupo de idade dos respondentes | 35 |
| Gráfico 2 - Nível de escolaridade | 35 |
| Gráfico 3 - Meio de aprendizado da LI | 36 |
| Gráfico 4 - Nível de contato com recursos reprodutores de mídias audiovisuais | 37 |
| Gráfico 5 - Recurso audiovisual ao qual têm maior acesso | 38 |
| Gráfico 6 - Idioma utilizado no consumo das mídias audiovisuais de LI | 39 |
| Wordcloud 1 - Dublagem em PT-BR com ou sem legenda | 40 |
| Wordcloud 2 - Áudio original em ENG com legenda em PT-BR | 40 |
| Wordcloud 3 - Áudio original em ENG sem legenda ou com legenda em ENG | 41 |
| Mapa mental - Justificativas da concordância com o fato de que o consumo (ou a falta dele) de mídias audiovisuais de LI teve/tem alguma influência em seus níveis pessoais de conhecimento do idioma | 42 |

RESUMO

No tocante à tradução, não há consenso em relação a sua definição conceitual, pois a própria palavra circula em plurivocidade de sentidos. Logo, para dar suporte a essa multiplicidade, surgem diversas teorias que exploram sua extensa natureza – tratando da função predominante e do objetivo – e até mesmo propõem a sua impossibilidade total ou específica. Essas englobam desde o paralelo entre tradução livre e literal, a teses como as da intralingual, interlingual, intersemiótica e âmbitos tantos como a audiovisual, que vem crescendo cada vez mais. Segundo Agost (1999), todo texto de suporte midiático que pode ser traduzido para um discurso escrito ou oral, tendo imagem e áudio como elementos principais e caracterizando-se pela combinação desses códigos, se encaixa no campo da tradução audiovisual (TAV). Embora esse campo perdure como prática há anos, foi somente a partir da globalização que ganhou maior relevância. As modalidades deste se ramificam abrangendo diferentes esferas, sendo uma delas a legendagem – prática fundamentada no tripé imagem, manutenção do áudio original e adição do texto escrito no idioma original ou na Língua Meta. A legendagem divide-se, em relação a técnica e destino, entre fechada e aberta e, quando comparada a outras modalidades, tem na aberta uma atividade de produção muito mais rápida e menos custosa, por necessitar de menos recursos humanos e monetário, com a possibilidade de ser ainda mais ágil e barata ao ser realizada e disponibilizada de maneira independente/informal. A aplicação da tradução no contexto de ferramenta pedagógica da área de línguas se estende por séculos, mas com o surgimento de métodos como o Direto e o Audiolingual, foi afastada do ensino-aprendizagem de línguas. Contudo, indo de encontro a essas ideias surge o Método Comunicativo e teóricos adeptos deste, como Parks (1982) e Brown (1994), passam a pautar a tradução como um exercício natural e importante para a aquisição de uma fluência da língua autêntica. Assim, torna-se imprescindível evidenciar que um dos recursos que viabiliza o uso desta no âmbito do ensino e/ou aquisição de uma Língua Estrangeira ou Segunda Língua de maneira contextualizada e multimodal (vide imagem, som e texto) é o audiovisual – a partir da TAV, que no formato da legendagem é um instrumento coringa, pois transforma artifícios que antes poderiam ser vistos como ameaça ao tempo reservado ao estudo em meios atrativos complementares a aprendizagem. Nesse sentido, a nossa proposta é a de explorar, através da presente pesquisa, esse meio já validado. Buscando agora a possibilidade da manutenção da eficácia quando utilizando apenas material audiovisual legendado disponibilizado gratuitamente na internet (pirataria) e como meio de aprendizagem exclusivo. Tendo em mente o propósito de abrir as investigações voltadas para um método alternativo que poderá servir como ferramenta emancipadora, autônoma e gratuita para indivíduos socioeconomicamente vulneráveis que visam a conquista da proficiência funcional da língua inglesa. Pois, diante disso, tornar-se-á possível sanar ou minimizar, de forma estratégica, a falta de acesso a professores particulares, cursos privados e aplicativos e sites pagos voltados ao aprendizado de idiomas.

Palavras-chave: Aquisição da proficiência. Língua inglesa. Tradução audiovisual. Legendagem.

ABSTRACT

When we talk about translation, there is no consensus regarding its conceptual definition, as the word itself circulates in a multiplicity of meanings. Therefore, to support this multiplicity, several theories that explore its extensive nature – in terms of its predominant function and objective – and even propose its total or specific impossibility, emerge. These range from the parallel between free and literal translation, to theses such as intralingual, interlingual, intersemiotic and many areas, such as audiovisual, which has been growing more and more. According to Agost (1999), every media text that can be translated into written or oral discourse, with image and audio as the main elements, characterized by the combination of these codes, fits into the field of audiovisual translation (AVT). Although this field has persisted as a practice for many years, it was only after globalization that it gained greater relevance. Its modalities branch out, covering different spheres, one of which is subtitling - a practice based on the tripod: image, maintenance of the original audio and addition of written text in the original or target language. This branch is divided, in relation to technique and destination, between closed and open subtitling. When compared to other modalities, the open one is a much faster and less costly production activity as it requires less human and monetary resources and has the possibility of being even more agile and cheaper when performed and made available independently/informally. The application of translation in the context of a pedagogical tool in the area of languages has extended for centuries, but with the emergence of methods such as the Direct and the Audiolingual, it was removed from the teaching-learning practice. However, going against these ideas arises the Communicative Method and its adept theorists, such as Parks (1982) and Brown (1994), who start to refer to it as a natural and important exercise for the acquisition of an authentic language fluency. It is, therefore, essential to highlight that one of the resources that enables the use of translation in the context of teaching or acquisition of a Foreign or a Second Language in a contextualized and multimodal way (hence image, sound and text), is audiovisual – with AVT, which in the subtitling format becomes a wildcard instrument by transforming artifices that could be seen as a threat to the time reserved for study into an attractive means that complements learning. In this sense, through this research, our proposal is to explore this already validated tool, testing the possibility of maintaining effectiveness when using only free audiovisual material available on the internet (piracy) and as an exclusive one. Bearing in mind the purpose of opening investigations for alternative method that could serve as an emancipatory, autonomous and free tool for socioeconomically vulnerable individuals who wants to achieve functional English language proficiency. Therefore, it will become possible to strategically remedy or minimize the lack of access to private teachers, private courses and paid apps or sites for language learning.

Keywords: Acquisition of proficiency. English language. Audiovisual translation. Subtitling.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi construído a partir de fundamentação proveniente de pesquisa bibliográfica e revisão de literatura com documentação indireta, assim como do levantamento de campo com documentação e observação direta, através da aplicação de formulários digitais de pesquisa de opinião¹. No que diz respeito à análise dos dados coletados, fez-se o uso da abordagem metodológica quali-quantitativa (ou mista) interpretativista, pois, apoiando-se em conceitos de teóricos como Paiva (2019) e Moita Lopes (1994), pretende-se a consideração de todos os componentes constitutivos de um fenômeno, por meio da interpretação dos seus significados em nível social e individual, a fim de produzir uma investigação ampla e completa, permitindo a melhor compreensão do objeto de estudo.

A aquisição da proficiência em idiomas não nativos, em um país como o Brasil, foi e continua sendo um processo excludente. Indivíduos que se encontram em recortes de vulnerabilidade socioeconômica estão sujeitos ao contato magistral com essas línguas apenas através das instituições públicas de ensino regular – tendo acesso ao máximo de duas aulas semanais, com duração de aproximadamente 45 minutos cada – e/ou de cursos gratuitos oferecidos por instituições governamentais, movimentos sociais, ONGS etc. – os quais não possuem capacidade suficiente para suprir a demanda de interesse e/ou não atingem algumas pessoas desse mesmo grupo social, pois muito provavelmente gerariam despesas extras com locomoção, material, dentre outras.

Ao ter o inglês como uma língua global que está constantemente presente em nosso cotidiano, seja nas músicas que ouvimos; nos filmes, seriados e programas que assistimos; nas redes sociais que utilizamos; nos jogos que jogamos; e até mesmo nos estrangeirismos que são incluídos na nossa língua portuguesa brasileira, há a necessidade e o desejo cada vez maior da sua compreensão e domínio de uso, seja no âmbito profissional, acadêmico ou, até mesmo, social. Diante disto, faz-se importante e necessária a busca pela validação científica de um método alternativo de aprendizagem que sirva como estratégia para sanar ou minimizar a falta de acesso a professores/tutores particulares, cursos privados e/ou

¹ Por não haver a solicitação de identificação dos participantes respondentes de tais formulários, o projeto de pesquisa não precisou ser submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da UFS, seguindo as orientações da Resolução 510/2016, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa (doravante ANPEd).

aplicativos e sites pagos, voltados para o aprendizado de idiomas estrangeiros. Método este que se baseará na utilização de ramificações do campo da tradução como principal norte.

No tocante à tradução, não há um consenso em relação a sua definição, pois a própria palavra circula em plurivocidade de sentidos. Logo, para dar suporte a essa multiplicidade, surgem desde as mais diversas teorias que exploram sua extensa natureza, às proposições da impossibilidade (total ou específica) desta. No entanto, apesar das controvérsias, a tradução tem estado presente há milhares de anos e tem como uma das áreas desse vasto campo, a tradução audiovisual (doravante TAV), que vem crescendo cada vez mais e é o foco deste estudo.

As modalidades da TAV dividem-se em diferentes esferas, sendo uma delas a legendagem, a qual subdivide-se e tem entre suas ramificações a técnica aberta. Quando comparada a outras modalidades, a legendagem aberta é tida como uma atividade de produção muito mais rápida e menos custosa, tornando-se ainda mais ágil e barata ao ser realizada de maneira independente/informal.

No contexto de ferramenta pedagógica, a tradução foi utilizada pela área de linguagens por séculos, mas com o surgimento de métodos como o direto² e o audiolingual³ foi também completamente afastada do ensino-aprendizagem de línguas. Mais tarde, teóricos como Parks (1982) e Brown (1994) vão de encontro a essas ideias, passando a entendê-la e aplicá-la para a aquisição de uma fluência autêntica, e tendo como uma das formas de viabilizar o uso da tradução no âmbito do ensino e/ou aquisição de uma língua estrangeira⁴ (doravante LE) ou segunda língua⁵ (doravante L2), o audiovisual – através da TAV.

² [...] diminui totalmente o valor do uso da primeira língua e enfatiza o uso da língua alvo em sala de aula. O “pensar na língua estrangeira” é a norma, assim como a comunicação, em seu sentido mais amplo. A leitura segue sendo uma das habilidades privilegiadas, porém seu desenvolvimento caminha junto com a habilidade da fala e a aquisição de vocabulário por meio dos textos e das situações propostas. Para evitar a tradução e incentivar o uso da língua estrangeira, o professor usa imagens, demonstrações, pantomimas e *realia* [...]. (Jalil e Procailo, 2009, p. 776-777)

³ [...] privilegia o desenvolvimento das habilidades orais [...], a língua é vista como um conjunto de hábitos que se adquirem por meio de um processo mecânico de estímulo – resposta. [...] a aprendizagem dos padrões estruturais da língua acontece por meio de condicionamento ou formação de hábitos, ou seja, quanto mais vezes algo é repetido, melhor será a aprendizagem [...]. (Jalil e Procailo, 2009, p. 777-778)

⁴ Segundo as ideias de Dutra (2008), o grau de imersão aqui é diminuto (por exemplo, o aprendiz vive num país e aprende um idioma falado em outro, que não pertence ao seu contexto social).

⁵ Segundo as ideias de Dutra (2008), o grau de imersão aqui é intensificado, pois o processo de socialização está inerente ao uso do idioma (por exemplo, o aprendiz vive num país em que o idioma que está sendo aprendido é tido como oficial e será utilizado diariamente).

Nesse sentido, a proposta da presente pesquisa é a de analisar essa ferramenta pedagógica já validada – qual seja, a tradução e, em especial, a TAV –, trazendo dados de experimentos já realizados por outros pesquisadores da área e dos questionários aplicados para a construção deste estudo, tendo em mente a possibilidade da manutenção da sua eficácia quando utilizando apenas material audiovisual legendado disponibilizado gratuitamente na internet (pirataria) e de maneira exclusiva, objetivando seu reconhecimento científico nesse formato. Pretende-se, assim, conferir corroboração a um método alternativo de aprendizagem que poderá ser utilizado por indivíduos socioeconomicamente vulneráveis, como recurso emancipador e acessível para a conquista da proficiência funcional/instrumental/para fins específicos da língua inglesa, de maneira autônoma e certificada, a fim de sanar ou minimizar estrategicamente a falta de acesso a professores/tutores particulares, cursos privados e/ou aplicativos e *sites* pagos, voltados para o aprendizado de idiomas estrangeiros.

Para isso, este estudo está dividido em quatro seções, além da introdução, considerações finais e referências. São estas: (1) panorama da tradução (2) panorama da tradução audiovisual e legendagem audiovisual; (3) o uso da tradução no ensino-aprendizagem de LE; (4) o uso da legendagem audiovisual comercial e pirata no ensino-aprendizagem de LE.

1. PANORAMA DA TRADUÇÃO

Nesta seção serão apresentados dois apanhados, primeiramente, um apanhado geral a respeito da história do campo da tradução e, posteriormente, um outro voltado para a história desse mesmo campo no Brasil.

1.1. PANORAMA GERAL

Como mencionado, embora ainda não haja acordo no que concerne à definição conceitual única da tradução, pois esta abrange uma imensidão de significados, podendo ser vista enquanto atividade, ação, técnica, produto, área de estudo/ensino e até mesmo arte e ciência, podemos afirmar que ela tem estado presente há milhares de anos, possibilitando uma mediação capaz de superar

barreiras e fazendo-se imprescindível aos exercícios de comunicação e aos mais variados intercâmbios.

Partindo de uma óptica histórica eurocêntrica, Grécia e Roma dão início a uma famosa dicotomia do campo, a partir das disputas entre metáfrase e *ad verbum*⁶ (tradução palavra por palavra) VS paráfrase e *ad sensum*⁷ (tradução de sentido) e têm em Cícero sua maior representação entre os estudiosos da área e os defensores da perspectiva dessa enquanto transmissão de ideias, do período da Antiguidade.

Durante a Idade Média, período tido por muitos teóricos como “Idade das Trevas”, por representar um retrocesso no meio intelectual em relação a era anterior, a difusão do Cristianismo católico e a necessidade de tradução fiel das Sagradas Escrituras promovem a popularidade da metáfrase, em respeito aos dogmas da religião. Nessa fase, São Jerônimo – responsável pela *Vulgata*, considerada até os dias atuais uma das melhores traduções da Bíblia – é um grande defensor desse estilo de tradução ao se tratar de textos sagrados, os quais acreditava que deveriam ater-se à exatidão pois são a “Palavra de Deus” (DELISLE & WOODSWORTH, 1995).

Abrindo a Modernidade, ao opor-se ao obscurantismo medieval e dar início à construção das bases socioeconômicas atuais, o Movimento Renascentista e seu apreço pela ciência torna as obras traduzidas mais corriqueiras. O interesse pela tradução cresce, levando a reflexões sistemáticas como as de Étienne Dolet⁸, a respeito de um ideal de equivalência estilística (não necessariamente formal) que fosse além da paráfrase.

Ainda nesse período, o Movimento Iluminista, com sua racionalidade crítica e a recusa a todas as formas de dogmatismo, dá continuidade a visão de paráfrase (ou aos segmentos e descendentes desta) como ideal. Entretanto, agora intentando a facilidade de leitura das versões e tendo nomes como Voltaire suprimindo, resumindo e até reescrevendo na íntegra algumas passagens dos textos que traduzia.

Na Pós-modernidade – era marcada por profundas mudanças em todos os âmbitos e que, para alguns teóricos, ainda está em desenvolvimento na

⁶ Locução latina que significa “pela palavra”.

⁷ Locução latina que significa “pelo sentido”.

⁸ No tratado “La manière de bien traduire d’une langue en autre” (1540), onde expõe os seus pensamentos sobre a tradução e defende cinco princípios fundamentais para tal prática.

contemporaneidade –, surge a Teoria da Tradução, onde as técnicas, estratégias e modelos de tradução passaram a ser descritos e estudados com base em metodologias e abordagens científicas, tornando-a uma área da Linguística Aplicada. Nesse mesmo momento, alguns extremistas chegam a propor a impossibilidade total da tradução, apoiando-se em ideias humboldtianas e neo-humboldtianas, como as das hipóteses da *Cosmovisão* e de *Sapir-Whorf* (ou *Relativismo Linguístico*), as quais tratam a língua como fator que determina a maneira como as pessoas percebem e organizam o mundo, tomando cada uma delas como um universo mental distinto e único, e abrindo espaço para a argumentação de que, dessa forma, nenhuma língua pode ter acesso ou transmitir o que é concebido em outra. Há, também, os que acreditam que apenas em casos específicos, como na literatura e, especialmente, no caso da poética, essa atividade se torna – ou pelo menos, deveria se tornar – impraticável, pois o material é de tal excelência linguística e artística que não será o mesmo após passar por esse processo, em decorrência das perdas no caminho entre uma língua e outra, sendo assim “[...] a poesia, por definição, é intraduzível.” (Jakobson, 1971, p. 72).

Contudo, as perspectivas anteriores e posteriores que refutam essas descrenças e exploram a extensa natureza do campo da tradução são múltiplas e tomam base em suas funções predominantes, seus processos e produtos. Dentre essas, temos as correntes teóricas da tradução literal ou estrutural e livre ou pós-estrutural (uma espécie repaginação das ideias greco-romanas de metáfrase e *ad verbum* VS paráfrase e *ad sensum*, supracitadas); e da intralingual, interlingual, intersemiótica; e âmbitos como o literário, comentado anteriormente; juramentado, executando versões credenciadas de documentos comuns ou especiais; técnico, traduzindo textos acadêmico-científicos relacionados a áreas específicas; interpretação simultânea, realizando traduções concomitantes ao uso da língua fonte; tecnológico, traduzindo *softwares* e afins; e audiovisual, para a tradução de textos multimidiáticos.

1.2. PANORAMA BRASILEIRO

A história documentada da tradução no Brasil teve seu início datado em 1500, quando “Brasil” nem era nome, a partir da chegada dos portugueses. Estes se depararam com os nativos indígenas e, sendo assim, com a necessidade de

estabelecer um contato que primeiramente se apoiou na linguagem não-verbal – através da tradução para imagens e gestos – mas logo evoluiu e precisou do auxílio da verbal – através da tradução oral e da escrita.

Em meados do século XVI, os bens que a colônia acumulava, para posterior envio às metrópoles, eram adquiridos através de explorações como o escambo, possibilitado pela ação dos *línguas* e dos *lançados* (MARIANI, 2007): criminosos degredados trazidos de Portugal (com o intuito de escoamento da população vista como descartável, diminuição dos crimes no país e habitação das colônias), que eram forçados a viver em terras estrangeiras em meio aos povos colonizados (nesse caso, no Brasil e com os indígenas), a fim de aprender obrigatoriamente suas línguas nativas. Além disso, existiam também os índios raptados e levados à Portugal para aprender o idioma e costumes locais – estes foram chamados de *filhados* (MARIANI, 2007). Ambos os grupos cumpriam o objetivo de servir como intérpretes para autoridades portuguesas, auxiliando na comunicação entre colonizador e colonizado.

As explorações também envolviam missões que buscavam catequizar povos não-cristãos e, nesse sentido, muitos jesuítas e franciscanos seguiram os exemplos dos grupos supracitados e se instalaram em aldeias, na intenção de aprender as línguas para que, dessa forma, pudessem transmitir os ensinamentos bíblicos católicos aos indígenas. Sendo assim, a interpretação também serviu como ponte para que as ditas “ferramentas civilizatórias” fossem aplicadas, tendo o jesuíta João de Azpicuelta Navarro como o primeiro tradutor⁹ e o padre José de Anchieta como o primeiro autotradutor¹⁰ do Brasil, sendo Anchieta o pioneiro responsável por um grande paradigma da história da tradução brasileira: a tradução-redução¹¹.

Torna-se importante ressaltar, também, o fato de que esses mesmos jesuítas foram responsáveis por produzir as primeiras gramáticas, dicionários e glossários das línguas do tronco Tupi-Guarani – apesar da escassa quantidade de leitores – e

⁹ Traduzido orações e sermões para o trabalho catequético na Bahia em 1550 e com a publicação da “*Suma da Doutrina Cristã na Língua Tupi*” (1557) (PEREIRA, 2012).

¹⁰ Escrevia e traduzia as suas peças originais concomitantemente, na intenção de apresentá-las tanto aos estrangeiros colonizados quanto aos colonos.

¹¹ Processo de tradução cultural criado pelo Padre, na tentativa de obter equivalentes e correspondentes dos símbolos religiosos católicos que não existiam na cosmogonia indígena (como as ideias de deus, céu, diabo, inferno etc.) compreensíveis na língua Tupi, para que a mensagem cristã pudesse alcançar os indígenas em sua língua materna (ALVES FILHO, 2010).

estabelecer a chamada *língua geral* ou *língua brasílica*¹², que passou a ser utilizada em toda a costa brasileira (RODRIGUES, 2006).

A partir do século XVII, o território conhecido como Brasil era ocupado não só pelos portugueses, como também pelos franceses (na antiga França Equinocial, hoje a cidade de São Luís, no estado do Maranhão) e holandeses (na antiga Nova Holanda, hoje o estado de Pernambuco). Nesse mesmo momento, a importação de escravos negros advindos de diferentes partes do Continente Africano, teve início. Esses acontecimentos trouxeram consigo um contato ainda maior de variados idiomas e a necessidade crescente da intervenção de intérpretes, pois tínhamos aqui um território plurilíngue.

Ainda durante esse período, não somente os padres portugueses se destacavam no campo da tradução, mas também alguns escritores brasileiros, como o barroco Gregório de Matos, que se dedicava a versões de poetas espanhóis e italianos e foi considerado a figura responsável por mais um dos paradigmas da história da tradução brasileira: a tradução-apropriação¹³. Além dos escritores, houve também a chegada de tradutores de origem judaica, atraídos pelas ofertas de passagens e terras gratuitas e pela “tolerância religiosa” voltada às suas crenças, propagandeadas pelos colonizadores holandeses – que tinham como motivação oculta, enquanto protestantes, a preferência e maior confiança no trabalho de tradução desses que no do clérigo católico.

Com a chegada do século XVIII, a língua começou a se unificar e o plurilinguismo que marcara o século anterior enfraqueceu, tendo como incentivo as leis proibicionistas¹⁴ e a expulsão ou genocídio dos falantes de outras línguas que não a portuguesa, sob a justificativa presidencial de *crime idiomático*. Nesse mesmo momento, o crescimento do território brasileiro, o desenvolvimento das colônias e a fundação de novas cidades geraram um progresso cultural que fez a atividade da tradução ainda mais presente e necessária, pois o consumo de peças de teatro, óperas, e principalmente de literatura escrita, só aumentava.

Contudo, adjunto ao desenvolvimento da colônia, se deu o crescimento do senso de brasilidade entre os colonos, inflamados pelas ideias revolucionárias

¹² Idioma criado a partir da fusão de línguas do tupi com o português.

¹³ Introduzia na composição das suas obras, traduções de versos inteiros de outros escritores, o que é tido por alguns teóricos como uma espécie de diálogo textual e por outros como plágio (SILVA-REIS E MILTON APUD PIRES, 1998).

¹⁴ Medidas da *Campanha de Nacionalização*, promovidas pelo regime do *Estado Novo* (1937-1945) sob comando do então presidente, Getúlio Vargas.

contidas nos livros advindos de importação que, posteriormente, foram censurados, mas se mantiveram em circulação por contrabando e/ou produção independente das *falsas traduções*¹⁵, as quais se popularizaram e auxiliaram o estopim de muitas revoltas e batalhas.

A partir disso, o trabalho do tradutor recebeu muito mais reconhecimento e a tradução passou a ser vista como instrumento de divulgação do conhecimento científico essencial para o período.

O século XIX trouxe grandes mudanças políticas, socioculturais e econômicas como o fim a proibição da produção e publicação de livros e o decreto de institucionalização da figura do tradutor, em 1808. Desse modo, o costume de ler se popularizou e a grande procura por material literário levou à criação da Imprensa e ao surgimento de tipografias, as quais produziam diversos materiais traduzidos, gerando empregos na área. Apesar disso, devido à alta demanda do período e influenciados pelo lucro obtido no comércio de livros estrangeiros, muitos editores optaram por publicar traduções de textos destrinchados e modificados, a fim de burlar a taxa de pagamento dos direitos autorais, dando origem às *traduções piratas* (WYLER, 2003).

No século XX e no início do século XXI, a tradução e a interpretação no Brasil foram áreas que cresceram muito, principalmente em termos de profissionalização, o que resultou de mudanças como a transição de um país majoritariamente agrícola para um país industrial; os decretos governamentais a favor da língua portuguesa, viabilizados pelo ditador Getúlio Vargas, que afetaram não apenas o uso das línguas nativas brasileiras como também das línguas dos imigrantes; e os investimentos na área da educação, que geraram um conseqüente crescimento das taxas de alfabetização e acarretaram no aumento de leitores da classe média, que por não estarem familiarizados com as línguas estrangeiras das obras (literárias ou audiovisuais) originais, necessitavam de versões.

A década de cinquenta seguiu um outro caminho e, ao contrário da prosperidade que vinha sendo vivenciada nesse aspecto, presenciou uma queda na indústria editorial do Brasil, pois os livros importados eram vendidos a uma taxa preferencial e os direitos de tradução foram mantidos na taxa de câmbio oficial e

¹⁵ Textos originais e implicitamente a favor da independência, disfarçados de traduções de textos não censurados que na realidade não existiam e haviam sido publicados por pseudônimos ou autores anônimos (SILVA-REIS E MILTON, 2016).

inalterada. Sendo assim, era muito menos custoso importar livros já traduzidos, que os produzir. Essa indústria continuou a ser defasada após o golpe militar de 1964, prejudicados pela censura ditatorial, principalmente durante os chamados “Anos de Chumbo”.

Foi só durante o “Milagre Brasileiro”, já na década de setenta, que a economia nacional experimentou altas taxas de crescimento, o que impactou diretamente na indústria livreira e gerou grande aumento na quantidade de tradução técnica (manuais, livros acadêmicos etc.) e crescimento no número de empresas que empregavam tradutores em tempo integral.

Chegando em meados do século XXI, vemos a profissão do tradutor ganhando mais espaço e formação que nunca, havendo, inclusive, o reconhecimento nacional oficial no ano de 1988.

Durante os anos noventa, percebe-se o despertar do interesse da universidade brasileira pela área dos Estudos da Tradução e, diante desse holofote, a área passa por um enorme crescimento durante os últimos trinta anos. Atualmente, está presente na grade disciplinar de vários cursos universitários (seja na graduação ou pós)¹⁶ e teve sua institucionalização pautada, de fato, com a criação do Grupo de Trabalho dos Estudos da Tradução na Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa de em Letras e Linguística (ANPOLL), em 1986, e novamente, em 1992, quando foi criada a Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT).

Hoje, nos anos 2000, o Brasil se destaca na área tradução, seja enquanto atividade ou campo de pesquisa, tendo seus profissionais qualificados e sindicalizados; estando cada vez mais presentes nos repositórios acadêmico-científicos; seja ocupando lugar de referência na técnica de dublagem audiovisual e na utilização obrigatória do *closed caption*.

1.3. PRINCIPAIS TEORIAS

Nesta subseção serão apresentadas as duas principais teorias da tradução, as quais se ramificam e se interligam em novas teorias.

¹⁶ Como por exemplo, nas áreas de Letras Estrangeiras, Relações Internacionais, Linguística Aplicada e a própria Tradução/Interpretação.

1.3.1. Livre VS Literal

O embate entre essas duas formas de tradução se estende desde os primeiros registros tradutórios até os dias de hoje, num paralelo milenar que dá origem a praticamente todos os outros presentes na área.

Os defensores da tradução livre pautam a literal como engessada e neutra, por conta do prezar extremo pela manutenção da fidelidade palavra-por-palavra e supervalorização da estrutura linguística, tendo ao seu lado a argumentação de esse processo precisar, na realidade, ser fundamentado na transferência da essência das ideias e significados de uma língua-cultura para outra, pois, como afirma Bassnett (2003, p. 98):

O tradutor é muito mais do que um linguista competente e a tradução envolve uma aproximação ao texto de partida com conhecimento de causa e com sensibilidade, bem como a percepção do lugar que a tradução pretende ocupar no sistema da língua de chegada.

Já os defensores da tradução literal, pautam a livre como desleal e subjetiva, por essa considerar dados extralinguísticos e adaptações necessárias para a correspondência em nível comunicativo/informativo, justificando a sua contestabilidade com a premissa de que é necessário ater-se unicamente à estrutura linguística, para que assim se possa garantir a fidelidade integral da ideia de origem – que para estes, é o que interessa. Argumento corroborado por Newmark (1988, p. 69), quando declara que “A tradução literal é correta e não deve ser evitada, uma vez que assegura a equivalência referencial e pragmática em relação ao original”.

O fato, portanto, é que as duas têm suas validações e invalidações particulares e dependendo do objetivo que o tradutor pretende atingir — seja o de transmitir uma informação da língua fonte, livre de interpretações e com interferências mínimas, que visem apenas a adequação às estruturas sintáticas da língua meta, para que seja inteligível; ou o de substituir significados da língua fonte, através da adequação não só sintática como semântica, para atingir uma equivalência confortável na língua meta — uma das opções pode ser vista como mais cabível àquela situação. Isso, no entanto, não nulifica a importância e utilidade da outra.

1.3.2 Tradução intralingual, interlingual e intersemiótica

Com o auxílio de estudiosos como Saussure (1916), podemos visualizar toda e qualquer língua como um sistema (formado por signos associados a experiência do real com aplicabilidade comunicativa, a partir do seu significado) homogêneo e invariável de valores construídos coletivamente e depositados como produto social na mente de cada falante, dentro de uma comunidade.

Mais tarde, Jakobson (1971, p. 64 e 67) defende que o significado de um signo linguístico pode ser também:

[...] sua tradução por um outro signo que lhe pode ser substituído, especialmente um signo 'no qual ele se ache desenvolvido de modo mais completo'. [Portanto,] [...] toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente.

A partir dessas noções, o renomado linguista reforça não só a possibilidade irrefutável da tradução entre línguas distintas, como também dentro de uma mesma, e ainda, de um tipo de linguagem para outro.

Há, assim, de acordo com o teórico, três formas de interpretar/traduzir um signo:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua;
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua;
- 3) A tradução intersemiótica ou transmutação, que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

Logo, podemos passar a perceber as línguas como sistemas abertos que podem se correlacionar a partir da existência de uma equivalência comunicativa entre os mais diversos signos que, por vezes, até os transcende.

2. PANORAMA DA TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E LEGENDAGEM AUDIOVISUAL

Nesta seção serão apresentados apanhados gerais e direcionados a respeito da história do campo da tradução audiovisual e de uma das suas ramificações, a legendagem audiovisual.

2.1. TRADUÇÃO AUDIOVISUAL

Segundo Agost (1999), o material audiovisual se caracteriza pela combinação dos códigos escrito, oral, visual e auditivo. Por conta dessa combinação, esse material é tratado como multissemiótico e se refere a produções televisivas e cinematográficas. Dessa maneira, todo texto de suporte audiovisual, que pode ser traduzido – seja para um discurso escrito, oral ou de linguagem não-verbal – e tem a imagem como elemento principal, se encaixa no campo da tradução audiovisual.

De acordo com Yves Gambier (2003), os primeiros estudos voltados para essa área se deram em 1980 e eram referidos através do termo “tradução de filmes”, pois enfatizavam o cinema. Apenas no final dos anos 80, com a popularização do Video Home System (VHS) e a atenção deslocada para a tradução realizada para esse recurso, é que o termo tradução audiovisual (doravante TAV) passou a ser utilizado. Embora perdesse como prática há anos, ganhou maior relevância (em termos de pesquisa e consumo) somente a partir do fenômeno da globalização da década de 90, por conta do aumento da demanda e distribuição de materiais audiovisuais ao redor do globo e, principalmente, pelo potencial de impacto no público-alvo. Por conta disso, conquistou seu espaço enquanto um dos campos de pesquisa dos Estudos da Tradução.

Apesar de referenciado enquanto um tipo de tradução, a TAV representa um coletivo de variadas modalidades que tem suas técnicas, funções e objetivos específicos e diferenciados. Dentre essas, estiveram presentes desde o princípio: (1) Legendagem aberta, que consiste na adição de texto escrito (seja na Língua Fonte original ou traduzido na Língua Meta) sobreposto a imagem e independente de decodificador, indicando apenas as falas e informações textuais essenciais presentes na imagem (placas, bilhetes, mensagem de progressão/regressão de tempo etc.) e mantendo o áudio original; (2) Dublagem ou *Lip-sync Translation*, que consiste na pré-gravação de uma nova faixa de voz (do ator-dublador) na Língua Meta (doravante LM) – adaptada à cultura da sociedade utilizadora do novo idioma, sincronizada ao movimento labial e seguindo as inferências de tom ligadas às emoções e expressões faciais e corporais presentes na imagem –, a qual é adicionada posteriormente para suprimir a faixa de voz original na Língua Fonte (doravante LF) de maneira crível, tanto em termos de som quanto de interpretação;

6) Interpretação Simultânea ou Consecutiva, que consiste na tradução verbal (concomitante ou minimamente posterior), ao vivo, de uma LF para uma LM, via intérprete; (3) *Voice-Over* ou Voz Sobreposta, que consiste em uma segunda faixa de voz, pré-gravada e na LM, destinada a uma mídia audiovisual do gênero não-ficcional (documentários, noticiários, entrevistas etc.) – não necessitando ater-se ao sincronismo labial, mas prezando o cinético¹⁷ e de ação¹⁸ – e adicionada posteriormente – num volume mais alto e num tempo minimamente atrasado, para deixar claro que é a repetição traduzida do que está sendo dito – sobre a faixa de áudio original em LF, a qual passará a assumir um segundo plano num volume mais baixo; (4) Narração, que consiste na adição de uma segunda faixa de voz assíncrona – na LM, em discurso indireto (utilizando a terceira pessoa) e formal, e num volume mais alto que irá sobrepor a faixa de áudio original na LF, que assumirá um segundo plano num volume mais baixo – na qual constará uma descrição contínua estendida, mais utilizada nas mídias audiovisuais de gênero não-ficcional; (5) Comentário, que consiste na adição de uma segunda faixa de voz, na LM, em intervalos do áudio original em LF (ou num volume mais alto que irá sobrepor esta faixa, que assumirá um segundo plano num volume mais baixo), utilizada para tecer adendos importantes em mídias audiovisuais do gênero não-ficcional.

Contudo, a partir do início do século XXI e da chegada de um novo cenário científico que tem em mente um maior nível de acessibilidade para o campo da TAV, foram buscados recursos e implementadas obrigatoriedades a fim de atingi-lo. Assim, novas modalidades foram surgindo, são elas: (1) Legendagem fechada, *Closed-Caption*, *Teletexto* ou *Respeaking*, que consistem na inclusão obrigatória de texto escrito – seja anteriormente, por meio de estenógrafo computadorizado ou concomitantemente, por meio de programas de reconhecimento de voz – oculto e disponível apenas através da ativação do decodificador, indicando tanto a fala quanto aspectos do código linguístico, paralinguístico e qualquer outro som presente em todos os tipos de mídias audiovisuais (transmitidas ao vivo ou gravadas), sendo assim, direcionadas ao auxílio de indivíduos portadores de algum grau de deficiência auditiva (por esse motivo, chamada comumente de LSE – Legendagem para Surdos e/ou Ensurdidos) que compreendem a língua escrita utilizada; (2) Audiodescrição,

¹⁷ “[...] o discurso deve combinar com os movimentos do corpo (por exemplo, quando o falante está apontando para algo).” (Franco e Araújo, 2011, p. 10).

¹⁸ “[...] impõe uma certa ordem no discurso do falante, limitando inversões sintáticas que poderiam ocorrer para uma melhor fluidez na língua-alvo.” (Franco e Araújo, 2011, p. 10).

que consiste na adição de uma nova faixa de áudio pré-gravada na LF ou LM e é inserida entre as pausas da faixa de áudio original (podendo ser ao vivo, ou não), com o intuito de descrever elementos narratológicos, cinematográficos, linguísticos e paralinguísticos, visando o auxílio de compreensão do conteúdo da mídia para indivíduos portadores de algum grau de deficiência visual ou algum tipo de dificuldade para o entendimento integral do conteúdo explicitado (deficientes intelectuais, disléxicos, idosos, crianças etc.); (3) Janela de Interpretação de Língua de Sinais, que consiste na delimitação de um espaço no vídeo, onde o texto oral será interpretado para a LIBRAS simultaneamente (podendo ser ao vivo, ou não), visando auxiliar indivíduos portadores de algum grau de deficiência auditiva (surdos e/ou ensurdecidos) e fluentes nessa língua de sinais, na compreensão da fala presente naquela mídia audiovisual.

2.2. LEGENDAGEM AUDIOVISUAL

A prática da legendagem fundamenta-se no tripé imagem, manutenção do áudio original e adição do texto escrito no idioma original ou na língua meta. Esta iniciou-se em paralelo à arte do cinema, ainda que primeiramente no formato de intertítulo¹⁹ auxiliar ao mudo, atingindo o seu apogeu com o surgimento do sonoro e do falado, em 1927, dando os primeiros passos para alcançar o formato simultâneo que vemos hoje. Logo, a influência da indústria cinematográfica estadunidense fez com que a demanda pela produção das legendas crescesse e se popularizasse, tornando-a cada vez mais comum por todo o mundo.

Sua primeira aparição no Brasil foi registrada em 1929, quando o exibidor Francisco Serrador, na tentativa de compensar pelo fracasso do uso de livretos que continham a explicação prévia da narrativa e um resumo dos diálogos de “*The Broadway Melody*” (Harry Beaumont, 1929), divulgou uma nova exibição improvisada a partir de contratipos²⁰ do mesmo filme, os quais haviam sido alterados para conter palavras breves que ilustrariam a ideia principal das falas. Entretanto, apesar de inaugural e marcante, esse foi um evento atípico (quicá, único) na história da legendagem no país. Os filmes estrangeiros continuaram a ser exibidos com o

¹⁹ “[...] cartelas, geralmente com o fundo negro e textos escritos em letras brancas, que eram *intercaladas* às imagens no filme.” (Freire, 2015, p. 192).

²⁰ Cópia obtida a partir da reprodução dos negativos originais.

auxílio de outras estratégias mil, tais quais as versões mudas, produzidas a partir do corte de cenas de diálogo; o retorno aos intertítulos e/ou livretos; o uso de idiomas que não o inglês (geralmente, o francês e o espanhol, por se assimilarem minimamente ao português); a exibição consecutiva de duas versões para o mesmo público, sendo a primeira para compreensão e a segunda apenas para apreciação do som; acréscimo de prólogos²¹ narrados em português brasileiro; e *reprises*.

Em 1930, a inserção de legendas completas e simultâneas (porém, importadas, pois ainda não havia mão de obra qualificada e tecnologia dedicada a produção de tais no país) começou a ser procedimento dominante, tendo sua consolidação como prática padrão em 1933, quando a produção nacional começou a se movimentar. Porém, na passagem para os anos 60, começou a sofrer um contratempo, quando os *três poderes*²² decidiram tornar obrigatória a dublagem de mídias audiovisuais estrangeiras a serem transmitidas e exibidas em solo brasileiro. Somente em meados dos anos 80, após a queda das imposições nacionalistas da ditadura, a legendagem voltou ao seu crescimento exponencial que se estende até a atualidade e fundamenta-se na recente fluidez das noções e limites de sociedade, cultura e nação provocada pela identificação pós-moderna de *sujeitos nômades*²³, que buscam o diálogo transcultural – através da percepção, interação e assimilação das diferenças e semelhanças que ligam povos “distintos” – possibilitado por esta modalidade.

Com o passar dos anos, houve o aumento e o aprimoramento no número de produções audiovisuais das mais variadas áreas, também a continuidade de exportação e importação dessas; a chegada dos *VHS* e sua transição para o Digital Versatile Disc (*DVD*), com a popularização através da pirataria; o progresso dos *games*; o barateamento dos serviços de canais televisivos fechados e acesso à *Internet*; até os atuais serviços de *streaming* legais e ilegais. Tendo isso em vista, a modalidade aberta acompanhou a evolução e passou a contemplar todos esses formatos midiáticos.

As legendas são classificadas no tocante à critérios linguísticos, podendo ser intralingual (na mesma língua do texto falado/língua fonte) ou interlingual (numa

²¹ Cenas iniciais onde são explicitados elementos elucidativos da mídia em questão, com o intuito de auxiliar a compreensão do público.

²² Poder Executivo, Legislativo e Judiciário.

²³ Segundo Canclini (2004, p. 31) “o pensamento pós-moderno redefine os sujeitos como nômades”, tendo como resultado, indivíduos que se identificam simultaneamente com diversas culturas diferentes.

outra língua/língua meta), e técnicos, dividindo-se entre aberta (sobreposta a imagem e independente de decodificador, estando sempre presente para indicar o texto falado de maneira escrita e condensada) e fechada (oculta, dependente de decodificador e podendo ser do tipo *roll-up*²⁴ ou *pop-on*²⁵, estando presente apenas quando ativada e diferenciando-se por indicar, além da fala integral, informações sonoras e de ambientação relevantes ao entendimento do conteúdo, visando auxiliar indivíduos surdos e/ou ensurdecidos).

Quando comparada às outras modalidades de TAV realizadas no Brasil, a legendagem aberta é tida como uma atividade de produção muito mais rápida e menos custosa, por necessitar apenas de um marcador (indivíduo responsável por marcar os tempos de entrada e saída de cada legenda, de acordo com as falas) e legendador (indivíduo responsável por incluir a legenda, já marcada, na mídia), quando o processo é intralingual; e, por vezes, tanto de um marcador e legendador, quanto de um legendista (indivíduo responsável por realizar a tradução/legendação do texto antes da inserção), quando o processo é interlingual – papéis esses que são normalmente auxiliados por *softwares* especializados ou processadores de texto e *time code readers*, e algumas vezes, desempenhados por um único profissional

Diante disso, a legendagem torna-se ainda mais ágil e acessível ao ser realizada de maneira independente/informal, prática conhecida como *fansub* ou *fantitle*, que surgiu com o progresso da Internet e sua disponibilidade de conteúdo gratuito (leia-se, pirateado), e conquistou público e espaço por conta da acessibilidade e qualidade. Em virtude disso, essa atividade clandestina vem se aproximando cada vez mais da profissional/formal e comercial, em termos de metodologia e tentativa de padronização, embora carreguem ainda traços do amadorismo ao sacrificar esse aperfeiçoamento – dividindo um trabalho de cunho individual entre duas ou mais pessoas, o que acarreta a heterogeneidade do resultado – em nome da urgência de oferta *online*, com o propósito de “bater” a concorrência.

²⁴ “[...] aquela cujas linhas sobem da parte inferior da tela de TV continuamente [...] e as palavras que a compõem são exibidas da esquerda para a direita. Geralmente, é o tipo usado para legendagem fechada ao vivo.” (Araújo, 2006, p. 2)

²⁵ “[...] aquela cujas frases ou sentenças surgem como um todo e não palavra por palavra como acontece com a legenda rotativa. Ficam temporariamente na tela, geralmente em sincronismo com o áudio, desaparecendo em seguida ou sendo substituídas por outras legendas. É o tipo de legenda usado em programas pré-gravados. A legenda *Pop-on* assemelha-se à legenda aberta” (Araújo, 2006, p. 2)

As *fansubs*, como o nome revela²⁶, eram inicialmente confeccionadas por fãs conhecedores de idiomas diversos, que estavam sempre atentos aos novos “vazamentos” pirateados das suas produções audiovisuais estrangeiras favoritas, para que pudessem traduzi-los e legendá-los com o intuito de compartilhar, de maneira discreta, com o restante da *fanbase* não possuidora do mesmo conhecimento da língua fonte em questão.

Posteriormente, a prática se propagou e um grande quantitativo de pessoas aderiu, dando origem a grupos e *legenders* famosos (identificados pelo nome coletivo e *nicknames*²⁷, ambos colocados no início e fim de cada legenda), os quais dedicam-se a essa mesma tarefa e estão sempre à procura de novos membros. Esses, porém, não tinham como objetivo ater-se às suas produções prediletas; pelo contrário, ampliaram a rede e se organizaram de tal forma que, atualmente, é possível encontrar *sites* que hospedam e disponibilizam o *download* desse tipo de legenda ilegal²⁸ e gratuita para quase todo o tipo de material audiovisual (também ilegal) que se deseje assistir antes mesmo das estreias oficiais.

Ademais, assim como em qualquer outra técnica, dentro da legendagem interlingual aberta, também existem direcionamentos que precisam ser seguidos para que o resultado seja satisfatório e, nesse caso, majoritariamente padrão:

- 1) Seja no viés profissional/comercial ou no informal/pirata, as legendas seguem parâmetros tanto físicos, como: utilização preferencial da cor amarela com bordas pretas, para que nunca se misture com o fundo; fonte limpa e tamanho proporcional ao da tela de exibição; máximo de duas linhas e limite de caracteres em cada uma (entre 32 e 40 nas mídias de 35mm e 24 e 27 nas de 16mm); manutenção das regras de pontuação do PT-BR; posicionamento inferior e central, ocupando até 2/3 da largura total da tela; tempo de exibição que dure de 1s a 6s, variando de acordo com o tamanho da legenda e reservando aproximadamente 1/2s de intervalo entre uma e outra; tempo de inserção e retirada que coincida com o texto oral apresentado, atentando aos cortes de cena; quanto estilísticos, como: quebra de linhas (cortes feitos antes de sinais

²⁶ Do inglês, fan (fã) + subtitle (legenda) (FANSUB. *In*: Educalingo [on-line]. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-en/fansub>>. Acesso em: 01/06/2021).

²⁷ Apelido, que nesse contexto é utilizado para a identificação dos indivíduos responsáveis por determinada legenda.

²⁸ Vai de encontro a lei brasileira Nº 10.695/2003, de proteção ao direito de autor e antipirataria, podendo levar a condenação e a 2-4 anos de prisão por crime de pirataria.

de pontuação, conjunções, preposições, e sem a separação de um substantivo de seu adjetivo ou verbo); apresentação de apenas uma personagem por linha de fala, com suas respectivas identificações; utilização do itálico para títulos, falas secundárias ou em outros idiomas e letras de música da trilha sonora.

Todo esse cuidado é previsto em manuais e se justifica na necessidade de que essas sejam discretas e cumpram a função primordial de transmitir a mensagem sem distrair o telespectador do foco principal – que segue sendo a imagem –, mas também assertivas, pois como são apresentadas ao público ajunto o áudio original, estão sujeitas a comparações. Entretanto, tal movimento de supervalorização da forma (que na maioria dos casos, principalmente nas legendas direcionadas aos serviços de *streaming* e nas informais, é em vão, pois podem ser alteradas de acordo com o gosto do consumidor, ao serem reproduzidas) muitas vezes é construído em detrimento da essência do enredo e provoca um movimento e “pasteurização” das legendas, tendo como consequências diretas a de redução de texto; perda de nuances próprias do discurso oral; anulação de características primordiais de cada personagem; pobreza nas adaptações culturais; e postergação de elementos secundários, que em alguns momentos, são tão importantes quanto a fala. Há, assim, a necessidade de prezar por um maior equilíbrio entre as partes essenciais de tal modalidade.

3. O USO DA TRADUÇÃO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LE

Ensinar tradução é muito diferente de ensinar uma LE ou L2 utilizando-se da tradução no contexto de ferramenta pedagógica. Isto posto, a tradução é utilizada pela área de linguagens enquanto método de ensino há muitos anos, tendo seus primeiros indícios oficialmente datados a partir do século XIV. Contudo, para muitos estudiosos da área, é crível referenciar suas primeiras utilizações didáticas ao período da Antiguidade, corroborando essa ideia com o fato de que os primeiros registros tradutórios da Europa datam dessa mesma era, assim como os do seu uso enquanto exercício de aprendizagem da retórica grega.

Durante a Modernidade, conquistou muito prestígio, mas foi somente a partir do século XVIII, com a chegada da Idade das Revoluções, que a tradução enquanto

instrumento educacional atingiu seu apogeu e passou a fazer parte imprescindível do currículo de línguas clássicas de muitas escolas.

No entanto, no século XIX, com o surgimento de novos métodos, como o da Gramática e Tradução, a tradução foi afastada do texto e da linguagem em si e associada apenas a atividades repetitivas que visavam a primazia da gramática e a memorização de vocabulário, o que deu início à decadência do seu reinado nas grades curriculares do ensino de línguas.

Já no século XX, por volta dos anos cinquenta, tal decadência é impulsionada pela adoção dos métodos Direto e Audiolingual, os quais focavam nas habilidades de *listening* e *speaking*; fundamentavam-se na superestima do contato ininterrupto com L2, condicionando os aprendizes a internalizarem-na; e proibiam o uso da tradução a qualquer custo, sob a alegação de que a interferência da língua materna/primeira língua (doravante L1) é sempre negativa, levando ao seu afastamento completo do campo educacional.

Mais tarde, na década de setenta, surge o Método Comunicativo, o qual tem como foco a interação estabelecida entre os falantes (integrando as quatro habilidades – tanto *listening* e *speaking* quanto *writing* e *reading*) e não mais o domínio das normas e estruturas gramaticais, colocando-as em segundo plano ou as suprimindo totalmente. Esse método, ainda que não se posicione totalmente a favor do uso da tradução, vai minimamente de encontro às ideias anteriores que passaram a enxergá-la como inteiramente dispensável para o processo de aquisição de uma LE/L2.

Adeptos dessa nova abordagem, teóricos como Parks (1982) e Brown (1994), compreendem e pregam a tradução como sendo um recurso fundamental e um exercício importante para a aquisição de uma fluência que visa a língua autêntica, auxiliando a desenvolver nos aprendizes a consciência das diferenças linguísticas e culturais entre os idiomas e enfatizando que o processo de aprendizagem desses é muito mais fácil e completo quando realizado a partir da L1, não apesar dela.

É válido ressaltar também que, ainda que haja o esforço para manter a L1 e a LE/L2 separadas, a partir do impedimento de que os aprendizes empreguem a tradução enquanto *recurso andaim* (RIDD, 2000) em seus respectivos processos de aprendizagem de maneira consciente – a partir da utilização voluntária de dicionários bilíngues, tradutores *online*, auxílio de um colega etc. – na sala de aula de línguas, não há como impedir que isto aconteça de maneira inconsciente – ato

involuntário que acontece com todo aprendiz de uma LE/L2 e não pode ser evitado pois, principalmente nos estágios iniciais, este se apega à LM como uma espécie de “muleta” que irá ajudá-lo a atravessar esse caminho de forma mais segura. Além disso, o processo de aprendizagem não está cativo da sala de aula e se estende para outros ambientes e momentos da vida do aprendiz. Sendo assim, não há como garantir que este não tenha contato com determinado recurso, tornando óbvio o quão equivocado é articular tais proibições e supressões.

A partir de tal perspectiva, é necessário considerar, acima de tudo, o contexto em que o mentor e o aprendiz se encontram. Tendo isso em mente, ao voltarmos nossa atenção para o sistema educacional do Brasil, podemos perceber inúmeras falhas que poderiam começar a ser sanadas através do estabelecimento de objetivos mais realistas e pragmáticos, para que assim possa haver sucesso dentro das circunstâncias existentes.

Segundo Ridd (2000, p. 134-142), há pelo menos cinco razões para o retorno ao uso da tradução pedagógica. São elas:

1. “Contrária à crença popular, a língua materna pode ajudar o aluno, especialmente quando há semelhanças entre esta e a LE. A ênfase no contraste entre as línguas, proporcionada pela tradução, faz com que os alunos percebam as diferenças e a influência de uma língua na produção da outra.”
2. “A tradução é uma atividade natural e necessária. Fora da sala de aula, a tradução é usada o tempo todo, seja no escritório, em hotéis, nos aeroportos, em delegacias de polícia etc. Além disso, a tradução pode ser uma habilidade que os alunos desejam obter.”
3. “Falantes de uma língua estrangeira geralmente são solicitados a realizar algum tipo de tradução, seja para informar a colegas o conteúdo de uma ligação telefônica, o conteúdo de uma página da Internet, ou o que diz uma canção na LE.”
4. “A tradução dá ao professor uma excelente oportunidade de empregar material verdadeiramente autêntico. Ela também propicia constante desafio intelectual pela necessidade do uso imediato do vocabulário. O processo de procura por uma palavra adequada expande o conhecimento da língua pelos alunos.”
5. “A tradução é essencialmente um exercício mental, da mesma forma que o xadrez e a aritmética. Ela gera discussões fundamentais relacionadas à linguagem.”

A tradução pedagógica é um recurso dinâmico e trabalha todos os conhecimentos componentes da competência comunicativa de todo aprendiz, ou

seja, o conhecimento sistêmico (conhecimento que envolve níveis de organização linguística), o conhecimento de mundo (envolve o conhecimento convencional sobre as coisas do mundo, ou seja o pré-conhecimento do mundo), e o conhecimento da organização textual (conhecimento que engloba convenções sobre a organização da informação em textos orais e escritos). Pode ser aplicada tanto de maneira explicativa (por exemplo, através do *code switch* realizado primordialmente pelo professor – o que não impede que um aluno também o realize – ao fornecer a tradução para auxiliar na compreensão ou economizar o tempo que levaria para se fazer entender na LE/L2), onde o aluno não desempenha papel ativo e há pouca aprendizagem efetiva, devendo ser feita esporadicamente e num contexto não isolado; quanto em forma de exercícios (atividades de tradução – direta, inversa ou contrastada – que integrem as quatro habilidades e contribuem para um processo de aprendizagem consciente, promovendo ampliação do léxico e visão mais equilibrada e crítica da cultura que permeia a LE/L2), onde o aluno passa a desempenhar um papel mais ativo e a aprendizagem é mais efetiva, sendo assim incentivado com maior frequência.

Ainda assim, é interessante sempre continuar a pensar em novas formas de aplicação que se assimilem cada vez mais com a conjuntura identitária do sujeito-aprendiz moderno e globalizado. A vista disso, é imprescindível evidenciar um dos recursos que vem viabilizando o uso da tradução nesse contexto e sentido, de maneira multimodal (vide imagem, som e texto) e atrativa, sendo este, o audiovisual – a partir da TAV, que no formato da legendagem torna-se um instrumento coringa ao transformar artifícios que antes poderiam ser vistos como ameaça ao tempo reservado aos estudos, em meios complementares à aprendizagem.

4. O USO DA LEGENDAGEM AUDIOVISUAL COMERCIAL E PIRATA NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

A educação pública brasileira se dá em meio a adversidades. Nessa lista, temos desde a ausência de recursos e cortes de verba, a salas superlotadas, e desvalorização e ausência de investimento na formação continuada dos professores. Essas adversidades tornam o sistema de ensino-aprendizagem cada vez mais precário e fazem com que lecionar determinadas disciplinas de maneira satisfatória seja uma tarefa muito mais árdua, entre essas, temos a disciplina de Língua Inglesa.

Santos (2011) questiona o fato de que apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais afirmarem que as línguas estrangeiras são tão importantes quanto as outras disciplinas a serem ministradas, tal afirmação não se observa na prática e essa incoerência resulta em impactos negativos nos mais variados campos.

A Língua Inglesa é vista por grande parte dos estudantes da Educação Básica como um componente curricular desconectado da realidade e distante (seja em termos de uso ou aquisição de fluência). Essa crença nasce a partir do aprisionamento a metodologias ultrapassadas e abordagens reduzidas a treinamentos para vestibulares; livros didáticos e práticas educacionais descontextualizadas; e professores inertes às demandas intrínsecas de motivação e geração de interesse do público da atualidade, o que, em conjunto, levam a inúmeras dificuldades de aprendizado.

De acordo com Prensky (2001), uma das causas para o declínio da educação é a mudança radical sofrida pelos alunos, que já não são os mesmos para os quais o sistema educacional em vigência foi construído. Segundo o autor, o surgimento e a propagação das tecnologias digitais, da informação e da comunicação que tomou as últimas décadas, é o causador dessa mudança global geradora de uma leva de alunos que fazem parte das primeiras gerações de “*nativos digitais*”. Estes, por conviverem com tais tecnologias desde o início de suas vidas, pensam numa maior velocidade e absorvem conteúdo de forma diferente das gerações anteriores.

Todavia, grande parte dos gestores de instituições e docentes ainda não reconhecem essas diferenças enquanto causadoras de impacto pois esses são, em sua maioria, “*imigrantes digitais*” em adaptação e por isso “mantêm, em certo grau, [...] seu pé no passado” (Prensky, 2001, p. 2). Dessa forma, é comum se deparar com modelos educacionais que seguem tendências obsoletas, onde escolas e professores respondem a novas ideias de maneira bastante conservadora e, mesmo os que abarcam algumas das tentativas de avanço, regridem ao continuar presos na zona de conforto que os métodos tradicionais proporcionam, seguindo reféns da ideia de que os aprendizes de hoje são repetições do que eles foram e, sendo assim, o que um dia funcionou, também funcionará agora. Portanto, como afirmam Sheridan e Rowsell (2010, p. 103) e Snyder (2008, p. 81), apesar da ciência de que as mudanças globais estão alterando radicalmente o que as pessoas precisam saber e como, as mudanças pedagógicas não as estão acompanhando.

Contudo, esse é um equívoco que precisa ser reparado com brevidade, a partir de uma movimentação no sentido de rever prioridades, repensar metodologias, reavaliar práticas, estabelecer uma comunicação com os alunos, adaptar materiais didáticos em vigor para que estejam sempre de acordo com as particularidades de cada turma e construir possibilidades didáticas para além deles, a fim de que seja possível aproveitar ao máximo a pequena carga horária destinada a disciplina de Língua Inglesa e, dessa forma, obter resultados positivos..

Logo, para que o processo de reconceitualização da educação de LI aconteça, é imprescindível a colaboração de todos os envolvidos — desde o Estado, escolas e professores, aos estudantes — pois “[...] é necessário mudar a cultura de ensinar de modo que reflita as identidades cambiantes que estão em processo hoje em dia.” (Zacchi, 2015, p. 263), como visam as novas tendências de letramento crítico e/ou multiletramento. Uma das maneiras mais eficientes de fazer isso é a partir da inserção das próprias tecnologias nas salas de aula, pois, como afirma Lévy (2011), é para esse novo universo digital que a educação deve preparar.

No entanto, quando falamos dessa inserção, precisamos também levar em conta o fato de que nem todas as instituições públicas dispõem de tantos recursos tecnológicos, portanto, esta precisa ser realizada através de concessões, para que a escassez de opções não impeça o desenvolvimento de um trabalho consistente e possa haver a exploração mais proveitosa possível das que estão disponíveis, sem dificultar a aplicação e/ou manutenção dos novos métodos de ensino.

Há também de se levar em conta que a inserção crua não basta e não será uma solução milagrosa para todos os problemas. É preciso estabelecer um diálogo claro entre esses meios tecnológicos, o processo de ensino-aprendizagem e seus agentes, pois utilizá-los sem propósito consciente e apenas para seguir o fluxo dos tempos modernos, não traz ou trará benefício algum.

Nesse sentido, entra em jogo o recurso audiovisual legendado, pois este representa uma escolha que permite transitar entre um grande leque de suportes, veículos e plataformas (sejam eles computadores, celulares, televisores, projetores, serviços de *streaming* e *download* etc.); é considerado atrativo e motivador, por ser pautado na multimodalidade (imagem, som e texto), pluralidade de gêneros (podendo ser uma entrevista, jornal, documentário, filmes de ficção, seriados etc.) e associação ao que é usualmente utilizado para entretenimento; e pode estimular o desenvolvimento concomitante das quatro habilidades (*listening, reading, speaking* e

writing) e das capacidades comunicativas – a partir da interação entre os sujeitos envolvidos no ato discursivo (emissor e receptor).

Dessa forma, a utilização de tal recurso é apoiada e descrita de maneira lisonjeira e atestada por teóricos como Diaz-Cintas e Cruz (2008)²⁹, Pavesi e Perego (2008)³⁰ e Karakas e Sariçoban (2012)³¹, pois segundo eles, este: (1) garante o contato com elementos cotidianos e palpáveis, fortalecendo o pensamento crítico e a expansão do horizonte cultural com percepção de convergências e contrastes, assim como fuga de estereótipos, o que o auxiliará na participação ativa na sociedade e no exercício de cidadania plena; (2) viabiliza o reconhecimento da diversidade linguística intrínseca e a compreensão da construção – histórica e, sendo assim, mutável por meio da prática social – de significados em relação ao mundo em que se vive, por meio do discurso; (3) e permite a execução de uma prática permeada pelo desenvolvimento de estratégias funcionais que quebram as barreiras entre espaço escolar e o mundo exterior, levando o aluno a observar situações reais de uso da língua-alvo e libertando-os da linguagem controlada e hegemônica (tendo em vista que a maior parte do material comum à sala de aula de idiomas – lê-se livros e CDs “didáticos” – é produzido de maneira adaptada e com foco em reprodução da fala de “potências” colonizadoras).

4.1. TEORIA EM PRÁTICA

A utilização do recurso audiovisual legendado enquanto facilitador do ensino-aprendizagem da LI já tem sido documentada em outros trabalhos de conclusão de curso, artigos, teses de mestrado etc. como presente e eficiente em salas de aula ao redor do mundo, incluindo no Brasil, e assume várias formas.

No município de Anísio de Abreu (PI), foi realizada uma oficina com as turmas de Inglês do 2º ano do Ensino Médio da rede estadual, na qual o resultado seria a

²⁹ Diaz-Cintas, J. & Cruz, M. **Using subtitled video materials for foreign language instruction** (p. 201-214). In: *The Didactics of Audiovisual Translation*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, v. 77, 2008.

³⁰ Pavesi, M. & Perego, E. **Tailor-made interlingual subtitling as a means to enhance second language acquisition** (p. 215-225). In: *The Didactics of Audiovisual Translation*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, v. 77, 2008.

³¹ Karakaş, A. & Sariçoban, A. **The Impact of Watching Subtitled Animated Cartoons on Incidental Vocabulary Learning of ELT Students** (p. 3-15). In: *TEwT Journal*. Cyprus: IATEFL Poland Computer Special Interest Group and University of Nicosia; Poland: Maria Curie-Skłodowska University, v. 12, n. 4, 2012.

dramatização/recriação de uma cena de filme ou seriado. Essa oficina foi dividida em 6 etapas que consistiam na inicial apresentação e discussão sobre o tema e conteúdo da unidade (tendo como guia o livro didático), seguida da exibição coletiva de cenas de filmes e séries que se relacionassem ao tema e posterior divisão de grupos e exibição de cenas diferentes (enviadas para o *smartphone* de um ou mais integrantes de cada grupo) onde era visualizado o conteúdo (futuro simples) – todas elas sendo apresentadas primeiro com áudio PT-BR e sem legenda, depois com áudio em inglês e com legenda PT-BR e, por último, com áudio e legenda em inglês; disponibilização do roteiro (em PT-BR e inglês) dessas cenas, para leitura e exercício de pronúncia; listagem de vocabulário desconhecido e construção de novas sentenças a partir do conhecido, na intenção de abranger esse arcabouço; e tendo sua conclusão a partir da dramatização e recriação audiovisual das cenas. Segundo Oliveira e Silva (2018), professores responsáveis pela construção e aplicação da oficina, “é válido afirmar que o campo da educação e dos processos de ensino e de aprendizagem são complexos e necessitam de reflexões, diferentes experiências e perspectivas para construir caminhos e vivências que tenham sentido e significado para os estudantes [...]” (p. 9), portanto, ao final de tudo, foi realizado um questionário com os participantes e “ao analisar os resultados verifica-se que o número de alunos que aprovaram a proposta é satisfatório [...]” (p. 9).

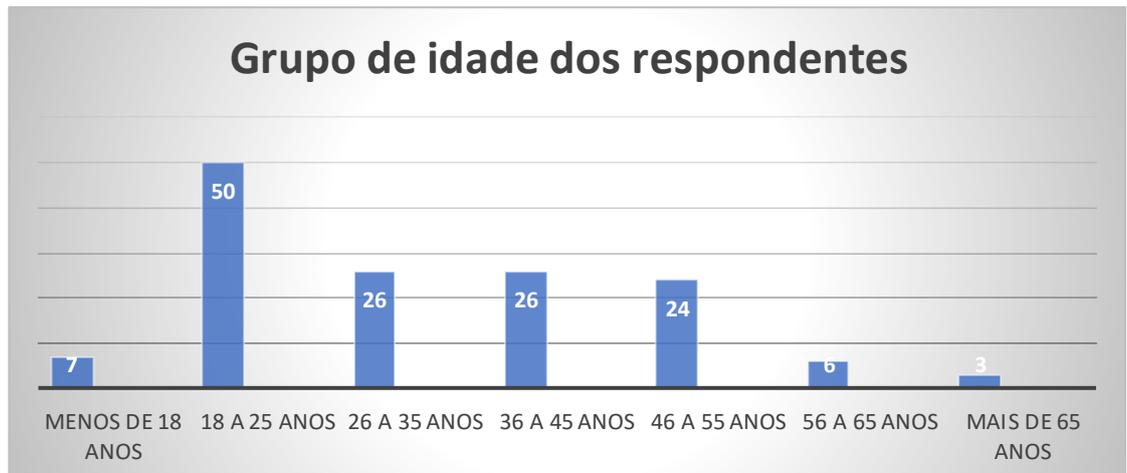
Na cidade de Maringá (PR), como parte do Programa do Desenvolvimento Educacional do ano de 2014, foi realizada a produção de legendas abertas. Esse trabalho se deu com as turmas de Inglês do 2º ano do Ensino Médio da rede pública e foi dividido em seis (6) unidades, iniciando com a parte teórica – onde foram apresentados e discutidos os conceitos da prática da TAV e da legendagem formais e informais; dadas instruções e estratégias sobre as ferramentas utilizadas para a atividade; e visualizados trailers de filmes, curtas-metragens e um vídeo documental em língua inglesa e com legenda em português brasileiro – e complementado com a parte prática – onde, a partir da instalação de um *software* de legendagem nos computadores do laboratório de informática do colégio e conhecimentos prévios adquiridos na etapa anterior, os discentes produziram legendas PT-BR para um trailer de livre escolha e para o vídeo e um dos curtas assistidos (auxiliados por um *script*, no último caso), exercitando assim as habilidades de *listening*, *reading* e *writing*. Alguns dos trabalhos foram postados no *Facebook*, num grupo intitulado “*Project PDE: Subtitle at school*” e outros no *YouTube*, para que todos os

participantes da turma pudessem ter acesso e discutir entre si. Segundo Versari (2015), professora responsável pela construção e aplicação desse projeto pedagógico, “a recepção dos alunos com relação ao projeto foi muito positiva [...]” (p. 10) e, apesar das dificuldades com o funcionamento de alguns computadores e com o conhecimento limitado de informática por parte de alguns dos estudantes, “verificase que a inserção da tecnologia no ensino de inglês teve um potencial significativo de construção de conhecimentos” (p. 13), alcançando um crescimento tanto docente quanto discente.

Em Fortaleza (CE), tendo como público alunos pertencentes a turmas do nível intermediário do curso de LI ofertado pelo Núcleo de Línguas de uma universidade estadual, foi realizada a exposição de filmes e vídeos com o áudio em inglês e a legenda em PT-BR como forma de complementar o uso do livro didático (que continuou a ser utilizado como guia para os temas e conteúdos abordados nas aulas, como também enquanto apoio ao estudo gramatical) no que diz respeito ao exercício da compreensão oral (substituindo os usuais CDs). Essa exposição foi realizada durante o período de um ano e, na intenção de medir seus benefícios, foram feitos testes de *listening* e *speaking* antes e depois de passar por ela. Gomes (2006), pesquisador responsável por construir e desenvolver esse projeto, afirma que através da comparação realizada entre os testes aos quais os estudantes foram submetidos foi constatada a melhora na proficiência oral da maioria deles. Complementa ainda que, durante os questionários de opinião aplicados após a conclusão, “(...) a maioria dos alunos demonstrou acreditar que os filmes legendados contribuíram, de alguma forma, para seu aprendizado da LE” (p. 96) e “alguns alunos deixaram claro que o uso dos filmes legendados os motivara a continuar o aprendizado em casa” (p. 98) sendo, assim, possível afirmar que ao ser utilizado adequadamente, este se torna um recurso bastante proveitoso.

Nessa perspectiva, foi realizada uma pesquisa de opinião a partir da aplicação de questionários virtuais, *online* e destinados ao público brasileiro geral, com o intuito de coletar dados anônimos a respeito da relação dos indivíduos para com as mídias audiovisuais de LI e suas opiniões sobre a influência da exposição a estas no seu nível de proficiência do idioma.

Ao todo, foram 142 respostas registradas e a partir da análise dessas, foi possível perceber que o público respondente se constitui de indivíduos pertencentes a um abrangente grupo de idades, como mostra o gráfico 1:

Gráfico 1 - Grupo de idade dos respondentes

Fonte: elaborado pela autora. (2021)

A partir da observação desses dados, podemos afirmar que apenas 7 dessas pessoas ainda estão dentro da faixa de idade escolar obrigatória, enquanto as 135 restantes já não estão mais. Portanto, há entre os respondentes os mais diversos níveis de escolaridade, como pode ser observado no gráfico 2:

Gráfico 2 - Nível de escolaridade

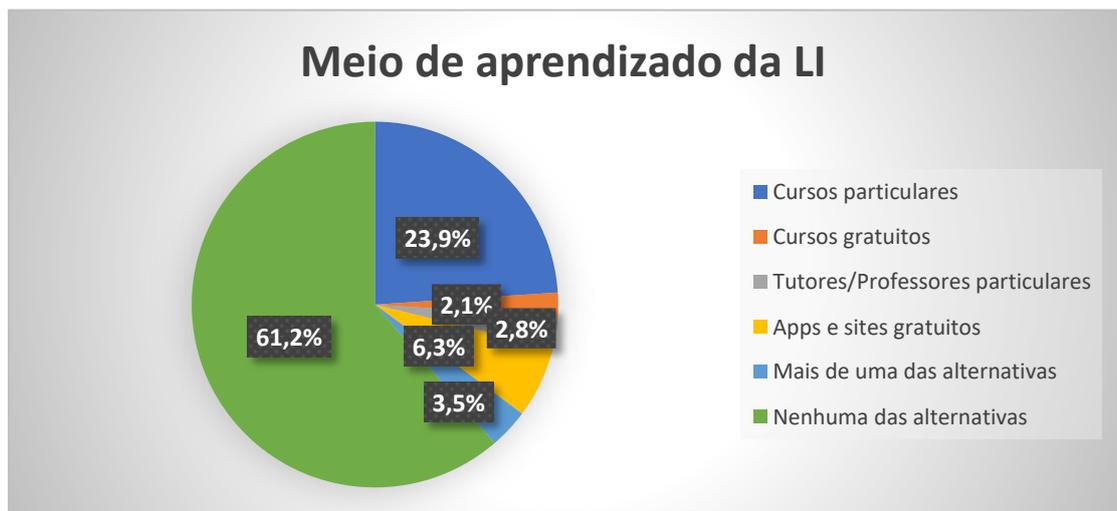
Fonte: elaborado pela autora (2021).

No que tange à trajetória para atingir esses níveis, 50% dos respondentes afirmam ter frequentado apenas instituições públicas de ensino; 31,6% apenas privadas; e 18,3% ambas. Essas porcentagens podem ser interpretadas como um

reflexo do número de indivíduos que se autodeclararam socioeconomicamente vulneráveis, sendo estes 52,8%, enquanto os outros 47,1% não são ou não se veem como parte dessa classe social.

Ao chegarmos na fase de perguntas a respeito do nível de inglês, há também uma diversidade, sendo as respostas, em sua maioria, referentes ao básico (63,3%), seguido do intermediário (25,3%) e tendo continuidade com a presença do avançado (7,7%) e até mesmo fluente (3,5%). Esses números se tornam ainda mais interessantes quando comparados aos que foram coletados na questão sobre os meios utilizados para o aprendizado da LI, os quais podem ser observados no gráfico 3:

Gráfico 3 - Meio de aprendizado da LI



Fonte: elaborado pela autora (2021).

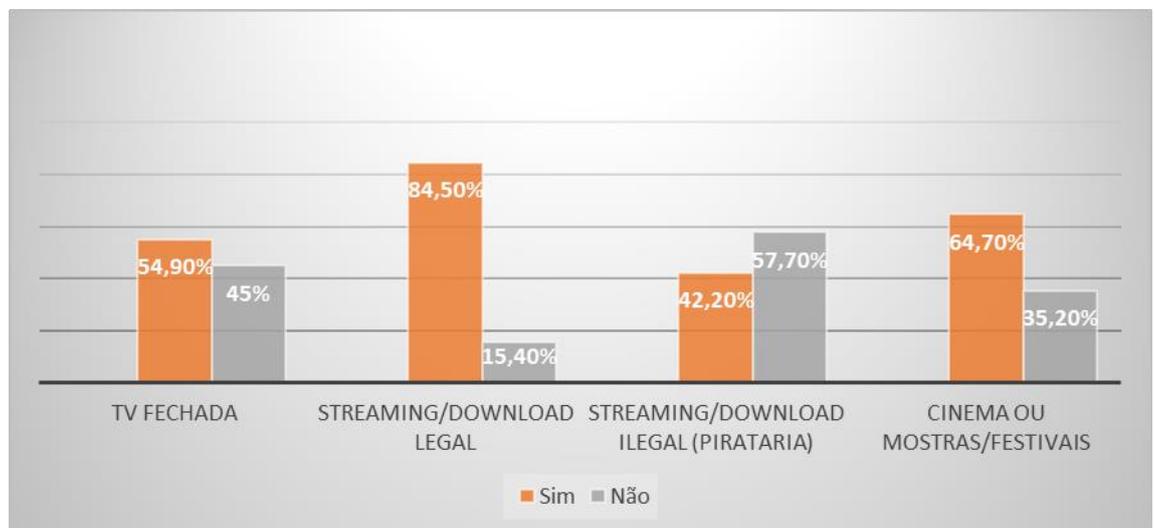
Ao observarmos e analisarmos esses dados, há uma surpresa agradável ao perceber que ainda que 61,2% dos respondentes afirmem não ter utilizado nenhum desses meios voltados para o aprendizado da LI, todos eles afirmam ter pelo menos algum nível de conhecimento do idioma. No entanto, há também uma informação desagradável implícita, pois esses 61,2% podem significar também a falta de acesso a esses meios de aprendizado.

Prevendo um resultado controverso e com o intuito de compreendê-lo melhor, caso de fato ocorresse, foram elaboradas perguntas que objetivavam obter uma noção dos tipos e frequências de contato dos respondentes com a LI. A primeira, buscava saber quantos deles já haviam estado em lugares onde a LI é utilizada

como idioma nativo e oficial, para a qual 96,4% responderam que nunca e apenas 3,5% que sim – ressaltando que todos esses passaram apenas alguns dias nos locais. A segunda, buscava saber quantos deles conheciam e se comunicavam com falantes da LI (sejam nativos ou não) utilizando o idioma, para a qual 92,2% responderam que não e 21,8% responderam que sim – aqui, a maioria relatou ser um contato esporádico e apenas um grupo de 5 e outro de 7 pessoas relataram ser diário ou semanal, respectivamente.

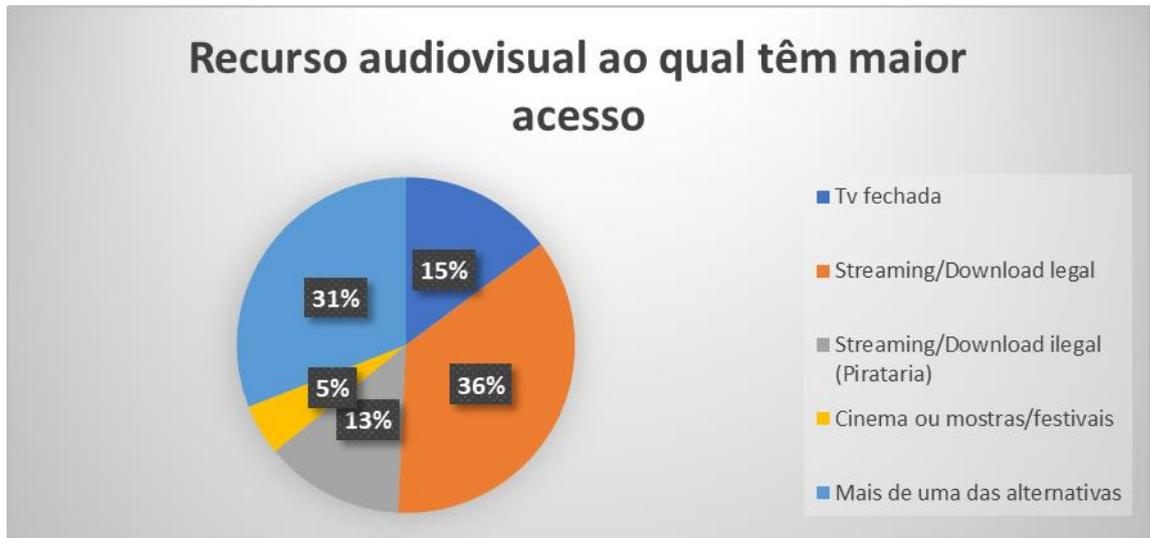
Posteriormente, adentramos a fase de perguntas mais significantes à pesquisa, na qual passamos a questionar sobre o contato dos respondentes para com as mídias áudio visuais de LI através de indagações acerca de quais eram os recursos que eles utilizavam (ou não utilizavam) para consumir essa espécie de mídia e a qual eles tinham mais acesso, o que gerou os números presentes no gráfico 4 e 5, respectivamente:

Gráfico 4 - Nível de contato com recursos reprodutores de mídias audiovisuais



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Gráfico 5 - Recurso audiovisual ao qual têm maior acesso



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Em ambos os casos podemos perceber como os serviços de *streaming* e *download* legais assumem a liderança, e o que inferimos desse dado é que a razão mais provável para esse acontecimento é o fato deste ser um dos recursos mais acessíveis entre os citados, pois muitos são gratuitos ou têm mensalidades significativamente baratas (podendo ser divididas, pois na maioria dos casos podem ser utilizados por mais de uma pessoa), o suporte para a sua utilização não necessariamente precisa ser uma TV (podendo ser utilizado através de notebooks, celulares etc., aparelhos que podem ser menos custoso que um televisor) e podem ser utilizados de maneira *online* (por *stream*) ou *offline* (desde que haja o *download* da mídia).

Outra inferência que nasce desses dados é relacionada ao fato da utilização dos serviços de *streaming* e *download* ilegais trazerem os números mais baixos, o que pode se relacionar ao fato de que as pessoas estão realmente dando preferência às outras opções; mas também pode surgir da problemática que seria assumir um posicionamento de consumo de pirataria, prática que é constituída como crime; ou até mesmo à faixa de idade dos respondentes, sendo os mais novos pertencentes à “*geração Netflix*” e os mais velhos pertencentes à geração de “*imigrantes digitais*” (Prensky, 2001, p. 2).

Dentre as mídias consumidas através desses recursos, são citadas principalmente séries e filmes, seguidas de documentários e *reality shows*, com algumas poucas menções aos jornais e outros programas como os de entrevista, de

auditório e de esportes. A frequência tem um resultado mais padrão, com o consumo diário majoritário.

Em relação ao idioma preferencialmente utilizado ao consumir essas mídias, foi gerado o gráfico 6:

Gráfico 6 - Idioma utilizado no consumo das mídias audiovisuais de LI

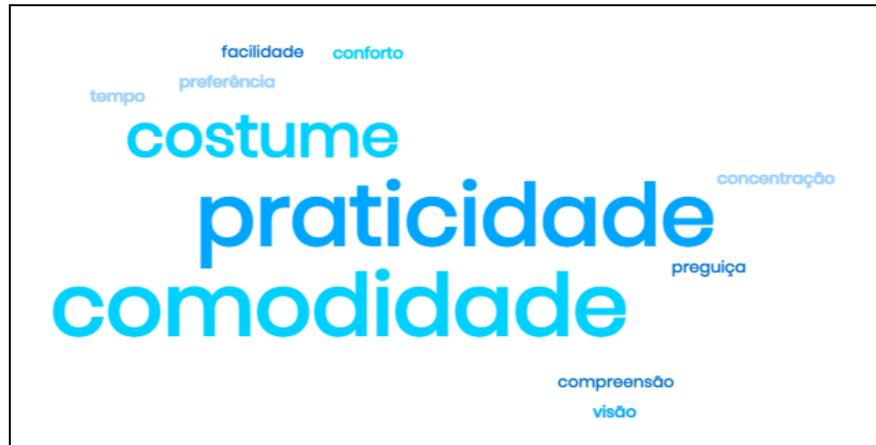


Fonte: elaborado pela autora (2021).

Neste gráfico, podemos perceber que ainda que por pouco, a soma das porcentagens de utilização do áudio original em inglês (50,8%), independentemente da legenda, ainda precede a do áudio com dublagem em português brasileiro (49,2%). Tal resultado pode justificar os números trazidos e discutidos inicialmente, onde 100% dos respondentes julgam ter pelo menos algum nível de conhecimento da LI (mesmo que em sua grande maioria, básico) ainda que 61,2% dos mesmos nunca estiveram presentes em cursos (sejam eles gratuitos ou pagos), tiveram aulas com professores/tutores particulares ou utilizaram aplicativos e/ou sites gratuitos voltados para o aprendizado do idioma em questão.

Ao comentar sobre as escolhas de áudio, os respondentes que optam pelo uso da dublagem (seja com legenda ou sem) levantaram os motivos ilustrados na wordcloud 1:

Wordcloud 1 - Dublagem em PT-BR com ou sem legenda

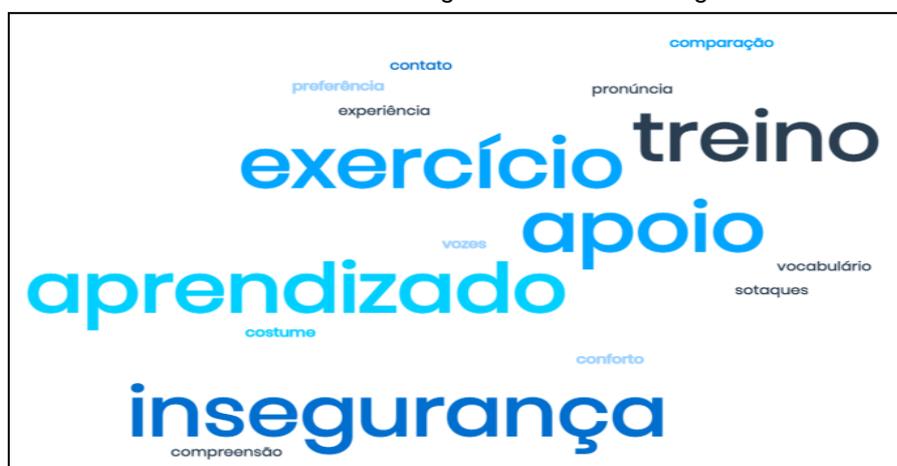


Fonte: elaborada pela autora (2021).

O que se pode perceber a partir disso é que, ao contrário do que se presume (aqui a inferência automática de que essa escolha se baseia apenas no não domínio do outro idioma – nesse caso, o inglês), a habituação e a manutenção da zona de conforto (sendo mais prático e fácil) são uns dos maiores motivos para a seleção do áudio dublado em PT BR. Além delas, há também menções a problemas de visão que impedem a leitura de legendas ou até mesmo a preguiça ou dificuldade de acompanhá-las. Por isso, um áudio numa língua compreensível é a melhor opção; a maior atenção que pode ser dedicada as imagens e ao enredo, quando já se entende o que escuta; e até mesmo a mais pura a preferência.

Já os que optam pelo uso do áudio original em inglês acompanhado da legenda em português trouxeram os motivos ilustrados na wordcloud 2:

Wordcloud 2 - Áudio original em ENG com legenda em PT-BR



Fonte: elaborada pela autora (2021).

Justificando a escolha ao enfatizar pontos que coincidem com os do grupo anterior (como por exemplo o hábito, a preferência, o conforto), também apontam as novas possibilidades que esta traz, pois ao utilizar dois idiomas é possível colocar com o que você está mais familiarizado como apoio – o que diminui a insegurança – e fazer comparações entre eles, construindo vocabulário; citam também a vantagem de ter acesso e contato constante com as vozes originais, diferentes sotaques e o inglês falado de maneira “natural”, o que pode auxiliar na pronúncia; e realçam principalmente o fato de que serve como treino/exercício de escuta.

Por fim, os que optam pelo uso do áudio original em inglês sem legenda ou acompanhado da legenda também em inglês, baseiam sua escolha através dos motivos ilustrados na wordcloud 3:

Wordcloud 3 - Áudio original em ENG sem legenda ou com legenda em ENG



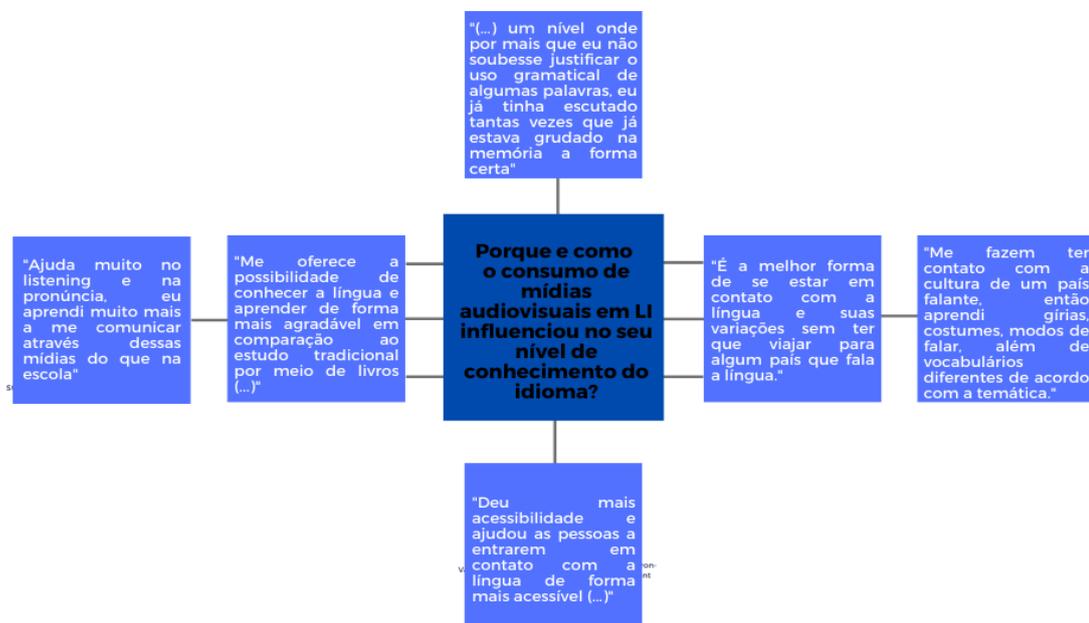
Fonte: elaborada pela autora (2021).

Estes argumentam que, além da preferência, o maior motivo é o exercício da escuta e da pronúncia através do contato com diferentes sotaques e o inglês falado de maneira “natural”, a aquisição de vocabulário e quando há a legenda, o treino da leitura e habituação com a escrita das palavras que em muitas das vezes eles só reconhecem na fala.

Dessa maneira, os últimos questionamentos direcionados a esses respondentes ocuparam o lugar de reflexo da fundamentação não só das hipóteses apresentadas pelas palavras de outros pesquisadores como também da que norteia esta pesquisa em sua completude. Ao serem perguntados se acreditavam que o

consumo (ou a falta dele) de mídias audiovisuais de LI teve/tem alguma influência em seus níveis pessoais de conhecimento do idioma, 72,6% afirmaram que sim, enquanto apenas 27,4% afirmaram que não. Ao justificar essas respostas, todos os que marcaram “não” escolheram se abster dos porquês, já os que marcaram “sim” compartilharam opiniões e relatos de grande importância, como ilustra o mapa mental:

Mapa mental - Justificativas da concordância com o fato de que o consumo (ou a falta dele) de mídias audiovisuais de LI teve/tem alguma influência em seus níveis pessoais de conhecimento do idioma



Fonte: elaborado pela autora (2021).

Com isso, é necessário que se ofereça cada vez mais credibilidade ao uso das mídias audiovisuais como ferramenta de aprendizagem efetiva, pois para além das teorias dos estudiosos, esta vem para o aprendiz como uma ponte legítima, acessível e prazerosa para a aquisição da LI.

4.2. PROPOSTA DE RESIGNIFICAÇÃO DO MÉTODO

Aproveitando do ímpeto de uma já explorada premissa de vantagens, mas, dessa vez, levando em conta a realidade na qual muitos dos indivíduos que desejam

aprender a LI podem não fazer mais (ou nunca terem feito) parte do ambiente escolar, a pesquisa em questão intenta propor uma alternativa à alternativa.

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2019³², a evasão escolar atingia 12,5% das pessoas com idade entre 11 a 14 e 28,6% entre 15 a 17. Houve também os indivíduos considerados e/ou autodeclarados analfabetos ou semianalfabetos (os quais, usualmente, nunca frequentaram/estiveram matriculados em uma instituição de ensino), que nesse mesmo ano, atingiram a taxa de 6,6%. Essas taxas se dão como consequências de situações que vão desde a falta de acesso à escola, sendo que ambas normalmente provem da falha na estrutura governamental, seja por escassez de escolas e professores nas áreas rurais (incluindo aqui os quilombos e reservas indígenas); pela necessidade de trabalhar desde muito cedo; por gravidez precoce; pela falta de incentivo generalizada etc. Além destes, é importante levar em conta também as pessoas que já concluíram seus estudos básicos.

Uma possível remediação seriam os cursos ou professores/tutores de LI, porém, a disponibilização destes é muito maior quando de maneira paga, o que reduz consideravelmente o acesso, visto que a população socioeconomicamente vulnerável não tem condições de custear. Destes, os que porventura são gratuitos (ofertados por ONGs, coletivos, movimentos sociais e, às vezes, até pela iniciativa governamental ou de empresas privadas), quase nunca conseguem suprir a grande demanda de interesse ou não atingem algumas pessoas desse mesmo grupo social, pois gerariam despesas extras com locomoção, material etc.

Outra, seria o uso de aplicativos, sites ou vídeo aulas voltadas para o aprendizado de LI, mas estes, além da problemática dos custos de alguns – como na anterior –, ainda que gratuitamente, requer uma dedicação e uma disponibilidade de tempo ainda maior, visto que nesse formato o próprio aprendiz tem que definir seus horários e escala de estudos, buscar outros meios de sanar suas dúvidas, selecionar seu próprio material de apoio e, muitas vezes, até o material didático (seja teórico ou prático).

Portanto, surge a ideia de explorar a manutenção da eficácia dos materiais audiovisuais de LI com legenda aberta enquanto recurso único e exclusivo utilizado para a obtenção da proficiência no idioma, objetivando a democratização da

³² Ano utilizado como referência por ter sido o último antes da pandemia de COVID-19, a qual teve interferência direta nos aspectos apontados nos dados.

aquisição da proficiência no inglês e a geração de um aprendiz protagonista e responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem totalmente autônomo.

Esta empreitada inovadora recebe apoio de estudiosos como Sousa (2005), o qual afirma que os programas e filmes legendados têm assumido tamanha importância no processo de aquisição da língua inglesa como L2 para imigrantes nos EUA., que são responsáveis pela compra de aproximadamente 50% dos aparelhos de TV com *closed caption* embutido.

Kovacs (2013) compartilha que em países onde a maior parte da programação televisiva é constituída por programas estrangeiros legendados, a aprendizagem de uma LE é um dos grandes motivos pelos quais as pessoas consomem essas mídias. A fim de exemplificar, cita um estudo realizado com telespectadores holandeses e que indicou como resultado o fato de que a maioria dos informantes com menos de 25 anos prefere filmes legendados, domina um número maior de LEs e percebe sua própria proficiência em inglês como muito próxima à da língua materna/L1.

De acordo com o IBGE, em 2019, 78,3% dos brasileiros declararam ter acesso à *Internet* (implícito aqui que esse acesso se refere ao plano de *Internet* – móvel ou *Wi-Fi* – e ao aparelho utilizado para se conectar) e 73,9% ter pelo menos uma *SmartTv* em suas casas. Ainda segundo o órgão, nesse mesmo período, os brasileiros utilizaram essas tecnologias por aproximadamente 4 e 7h por dia, respectivamente.

Seguindo essa lógica, como as opções de material audiovisual e de seus suportes são extensas – podendo ser reproduzidas a partir de televisores, computadores de mesa ou portáteis, tablets, celulares etc. – a exposição a eles se torna ainda mais prática, podendo vir a partir da programação das TVs abertas ou fechadas; serviços de *streamings* e/ou *downloads* legais e ilegais advindos da *Internet*, ou até mesmo da antiga prática de compra de DVDs e/ou *pendrives* piratas. Estas, ocupam a posição ideal para essa configuração emancipadora, pois podem se estabelecer e gerar aprendizado no mesmo tempo, espaço e formato do lazer; e se assimila a maneira como desenvolvemos a proficiência na nossa Língua Materna/L1 – através do registro dos estímulos, respostas/reproduções paulatinas que virão a ser bem-sucedidas e associações/assimilações (MARTELOTTA, 2009) – , dispensando a necessidade de acompanhamento instrucional e nutrindo um sujeito aprendiz independente.

Dessa maneira, tendo em mente o fato de que o público-alvo em evidência para essa configuração de aprendizado é o socioeconomicamente vulnerável e sem acesso a outros meios (seja por ter abandonado, concluído ou nunca ter ido à escola ou por não ter condições de custear cursos, professores particulares etc.), destacamos o uso das mídias audiovisuais gratuitas³³ (*streamings* e *downloads* ilegais – pirataria) disponíveis na rede. Sendo assim, apesar de ainda não ser a materialização da utopia de fazer com que esse conhecimento alcance todos que desejam, pode ser algo muito mais próximo da democratização deste.

4.3. PROPOSTA DE EXPERIMENTO PARA TESTE DA MANUTENÇÃO DE EFICÁCIA DO MÉTODO RESIGNIFICADO

Com a intenção de testar a hipótese supracitada referente a manutenção de eficácia dos materiais audiovisuais de LI com legenda aberta enquanto recurso único e exclusivo utilizado para a obtenção da proficiência em LI, foi pensado um estudo experimental onde será realizada a exposição (remota ou presencial) controlada e estendida (durando, no mínimo, um ano) de dois grupos (com 10 participantes em cada, no máximo) voluntários – sendo estes dos níveis básico e intermediário do idioma e recrutados de acordo com as exigências de público-alvo/população a ser estudada – a filmes advindos de serviços de *streaming* e/ou *downloads* inteiramente gratuitos (desde os filmes em si às legendas, são pirateados).

As produções serão de origem anglo (advindas de diferentes lugares falantes de LI) e terão aproximadamente duas horas de duração cada, sendo exibidas em dois dias da semana (portanto, dois filmes por semana), de maneira conjunta. No primeiro mês, serão acompanhadas do áudio original em inglês e legenda informal/independente gratuita em português brasileiro, posteriormente, de áudio original em inglês e legenda informal/independente gratuita em inglês, na intenção de explorar variáveis como sotaques (nativos ou não), coloquialismos, gírias e gerar habitação às constituições fonéticas do idioma e desenvolvimento das habilidades de compreensão e produção oral. Além disso, irão abordar diferentes temas, com o intuito da ampliação de vocabulário.

³³ Importante evidenciar que não geram custos extras, mas dependem de aparelhos específicos, energia elétrica e *Internet*, o que normalmente já está contabilizado nos gastos mensais.

O progresso de cada um dos participantes será mensurado através da comparação dos registros de resultados obtidos nos *pre-tests* (realizados antes da exposição), *mid-tests* (realizados na metade da exposição) e *post-tests* (realizados ao final da exposição) aos quais estes indivíduos serão submetidos, a fim de avaliar de forma individual o desenvolvimento das competências a partir de questões relacionadas às suas habilidades orais, escritas e de vocabulário, adequadas aos seus respectivos níveis.

Ao final desse experimento, será possível determinar se a utilização desse método ressignificado é efetiva, tendo como objetivo conferir validação científica a um meio alternativo de sanar e/ou minimizar, de forma estratégica, a falta de acesso aos meios tradicionais, proporcionando uma espécie de passo para a equidade.

Essa proposta, por conta de adversidades como o curto tempo disponível para a construção de um Trabalho de Conclusão de Curso indo de encontro com o longo tempo de espera para a aprovação Comitê de Ética, permanece no plano das ideias. No entanto, se torna mais concreta no decorrer do processo de escrita desta seção e, sendo assim, a presente pesquisa servirá não só como documentação, mas também como ação inicial no que diz respeito a este estudo investigativo prático.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de ensino-aprendizagem, assim como o processo, são complexos e pedem o constante e generalizado movimento de reavaliação e readequação. Nesse sentido, a inserção de tecnologias em sala de aula surge como reflexo desse movimento.

Corroborado por estudos e experimentos já realizados por outros diversos pesquisadores e profissionais da educação, quando se trata de LE/L2, tecnologias como as mídias audiovisuais trazem consigo resultados interpretados como positivos tanto para o docente quanto para o discente.

O caminho que a presente pesquisa propõe para tal movimento agora, é o de utilizar essas hipóteses, somadas às levantadas para e a partir dos questionários, na intenção de transferir os mesmos resultados positivos supracitados para uma nova configuração, a partir da ressignificação da utilização dessas mídias.

Assim, o método deixará de girar em torno do tradicional modo docente-discente e passará a ter o aprendiz como sujeito central, independente e autônomo diante do seu próprio processo de aprendizado, deixando o “ensino” exclusivamente por conta do consumo das produções audiovisuais de LI legendadas e gratuitas, com o objetivo de alcançar e servir a um público que muitas das vezes não tem outra opção quando se diz respeito ao meio de contato e aquisição de uma LE/L2.

Portanto, é fundamental que esse parágrafo final seja lido não como uma linha de chegada, mas como um ponto de partida. Partida essa que busca um aprofundamento teórico e, principalmente, prático, visando à futura realização não somente do experimento aqui proposto, como também de outros que venham a ser necessários para o aprimoramento e a validação científica da alternativa explorada.

REFERÊNCIAS

AGOST, R. **Traducción y doblaje: palabras, voces e imágenes**. Barcelona: Ariel, 1999.

ALVES FILHO, P. E. **As traduções do jesuíta José de Anchieta para o tupi no Brasil colonial**. In: Milton, J. **A tradução no Brasil: história, sociedade e política**. São Paulo: Tradterm, p. 11-30, 2010.

ARAÚJO, V. L. S. **O processo de legendagem no Brasil**. Fortaleza: Revista do GELNE, v. 1/2, n. 1, p. 156-159, 2006.

BECKER, S. M. K. **Linguagem audiovisual: um toque para a motivação**. Paraná: Universidade Católica do Paraná, 2008.

BRANCO, S. **Tradução intersemiótica e legendagem: adaptação de linguagens para compreensão de culturas**. Niterói: Caderno de Letras da UFF, v. 24, n. 48, p. 91-112, 2014.

BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. New Jersey: Prentice Hall Regents, 1994.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguales y desconectados: mapas de la interculturalidad**. Cidade do México: Gedisa Editorial S.A., 2004.

CONCEIÇÃO, A.; SANTANA, C. **Os efeitos de sentido produzidos na legendagem e dublagem: o sujeito-tradutor e o processo tradutório**. São Paulo: Tradterm, v. 31, p. 4-24, mar. 2018.

CRUZ, T. J.; MARQUES, E. A. **Relativismo clássico linguístico: seu percurso teórico direcionado a algumas questões do processo de tradução interlingual**. Goiânia: Linguagem: Estudos e Pesquisas, v. 21, n. 1, p. 271-283, 2018.

DELISLE, J.; Woodsworth, J. **Translators through history**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1980.

DUTRA, A. **Aquisição do Português Como Língua Estrangeira: Fenômenos de Variações no Âmbito Fonológico**. Araraquara: Universidade Estadual Paulista, 2008.

FRANCO, E. P. C.; ARAÚJO, V. L. S. **Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV)**. Rio de Janeiro: Tradução em Revista, v. 11 p. 1-23, 2011.

FREIRE, R. **O início da legendagem de filmes no Brasil**. São Paulo: Matrizes, v. 9, n. 1, p. 187-211, 2015.

FRIO, F. **As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradaptação de Garneau**. São Paulo: Tradterm, v. 22, n. 22, p. 15-30, 2013.

GAMBIER, Y. **Screen Translation: Special Issue of The Translator**. London: Routledge, v. 9, n. 2, p. 1-224, 2003.

GOMES, F. W. B. **Filmes legendados e ensino de línguas adicionais: um breve panorama sobre as pesquisas no Brasil**. Brasília: Revista Horizontes De Linguística Aplicada, 2016.

JACOBSON, R. **Aspectos lingüísticos da tradução**. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, p. 63-72, 1971.

MARIANI, B. **Quando as línguas eram corpos – sobre a colonização linguística portuguesa na África e no Brasil**. In: Orlandi, E. P. **Política linguística no Brasil**. Campinas: Pontes Editora, 2007.

LÉVY, P. **Cyberculture**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1. ed, 1999.

MOITA LOPES, L. P. da. **Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: A Linguagem como Condição e Solução**. São Paulo: Revista DELTA - Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

NASCIMENTO, I. **A tradução estrangeirizante nas legendas independentes**. In: Encontro Nacional Cultura e Tradução. João Pessoa: Cultura e Tradução, v. 5, n. 1, p. 181-189 2018.

NOBRE, N. **A legendagem no Brasil: interferências linguísticas e culturais nas escolhas tradutórias e o uso de legendas em aulas de língua estrangeira**. Macapá: Letras Escreve, v. 2, n. 1, p. 91-108, 2012.

NÓBREGA, M. **A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos.** João Pessoa: Revista Graphos, v. 6, n. 1, p. 101-110, 2004.

PAIVA, V. L. M. de O. e. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos.** São Paulo: Parábola, 1. ed., p. 7-15, 2019.

PARKS, G. **Notes on the use of translation in language classes.** System, v. 10, n. 3, p. 241-245, 1982.

PEREIRA, E, M. **Tradução indígena e diversidade cultural.** Engenheiro Coelho: Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), 2012.

PINHEIRO DE SOUZA, J. **Teorias da tradução: uma visão integrada.** Fortaleza: Revista de Letras, v. 1/2, n. 20, p. 51-67, 1998.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants.** United Kingdom: On the horizon (MCB University Press), v. 9, n 5, 2001.

RAMOS, J. **A recepção da dublagem e da legendagem no Brasil.** Diamantina: Vozes dos Vales, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2012.

RIDD, Mark D. **Out of exile: a new role for translation in the teaching/learning of foreign languages.** In: SEDYCIAS, João (Org). **Tópicos em Lingüística Aplicada I.** Brasília: Editora Plano, v. 1, p. 121-148, 2000.

RODRIGUES, A. D. **As outras línguas da colonização do Brasil.** In: CARDOSO, S. A. Ma.; MOTA, J. A.; SILVA, R. V. M. (orgs). **Quinhentos anos de História Linguística do Brasil.** Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

SHERIDAN M. P. & ROWSELL J. **Design Literacies: Learning and Innovation in the Digital Age.** London: Routledge Chapman & Hall, 2010.

SILVA, F. **As dicotomias saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos.** Inhumas: REVELLI, v. 3, n. 2, p. 38-55, 2011.

SILVA-REIS, D. e MILTON, J. **História da tradução no Brasil: percursos seculares.** Porto Alegre: Revista Translatio, n. 12, 2016.

SNYDER, I. **The Literacy Wars.** Crows Nest: Allen and Uwin, 2008.

WYLER, L. **Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ZACCHI, V. J. **Esperando o inesperado: formação de professores numa era de incertezas.** In: CORSEUIL, A. R. et al. **Língua e Literatura na época da tecnologia.** Trindade: Edufsc, 1. ed, p. 259-276, 2015.

